

Código de identificação do ficheiro: PVC01-C	
Localidade: Porto de Vacas Distrito: Coimbra	Concelho: Pampilhosa da Serra Data: Mai.95
Informante1: Carminda Idade: 42	Sexo: Feminino Escolaridade: 4ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1C0401 faixa: 01 min: 23:32-24:59	Inquiridor2:
Assunto: Os barcos	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 21 faixa: 01	Data da primeira transcrição: Jun.03 Data da revisão final: Abr.04

INF Aqui antes de fazerem a ponte, havia aqui um barco... Havia os barcos para atravessarem – aqueles barquinhos de madeira para atravessarem o rio [ABl{CT|pç=para o}] para aquele lado.

INQ Mas há terras daquele lado? Há fazendas daquele lado, é?

INF Tem propriedades daquele lado, {pp} daqui da povoação. Tinham aqueles barcos. Havia aquelas pessoas que tinham [ABla] as propriedades daquele lado do rio, tinham cada um o seu barco; [ABle os que não t-] e os que não tinham, as pessoas era no barco do povo, chamavam o barco do povo.

INQ Ah!

INF Havia aqueles barcos de madeira antes de fazerem a ponte. [ABlQue{fp}] E ainda há quem tenha ali [ABla par-] da parte de cima, ainda há [ABlo t-] os tais barcos de madeira, que ainda há pessoas que passam o rio com...

INQ Passam o rio.

INF [ABlNa] Lá na [RP|na] {RC|proprie-=propriedade}.

INQ E quem é que andava com o barco?

INF Isto haviam... {fp} As pessoas chegavam ali, quem queria vir ou quem quisesse ir daqui para aquele lado, ia chamar {PH|ç=ao} povo uma pessoa, que qualquer pessoa sabia botar o barco.

{IP|tave=Estava} toda a gente habituada.

INQ Claro.

INF Depois gritavam {pp} daquele lado, davam um grito as pessoas – (cada um) –, aquele que estava [ABlmais] e vinha mais perto, mais, já ia lá. Porque depois davam, pagavam qualquer coisa {pp}

INQ Pois.

INF a quem ia passar.

INQ Pois.

INF Estas pessoas que vinham, por exemplo, de longe,

INQ Claro.

INF pagavam [ABla] ao barqueiro.

INQ Claro.

INF Davam- {PHli=lhe} qualquer coisa, [ABlestava] toda a gente queria ir.

INQ Claro.

INF E quando era [ABlda] que o rio ia grande... Ele quando o rio ia grande, era preciso uns poucos de barqueiros.

Código de identificação do ficheiro: PVC02-C	
Localidade: Porto de Vacas Distrito: Coimbra	Concelho: Pampilhosa da Serra Data: Mai.95
Informante1: Carminda Idade: 42	Sexo: Feminino Escolaridade: 4ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1C0401 faixa: 01 min: 25:49-27:01	Inquiridor2:
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 21 faixa: 02	Data da primeira transcrição: Jun.03 Data da revisão final: Abr.04

INF Só [ABlum a-] um ano, cá, morreram {fp} duas pessoas aqui afogadas. Foi {fp} [ABluma] umas pessoas que iam para passar de noite para aquele lado e levavam as lanternas, aqueles candeeiros a petróleo.

INQ Sim, sim, sim.

INF [ABIE {fp}] E a pessoa com o candeeiro a petróleo lá dentro do barco perde-se e {PHlnũ=não} sabe {fp} o rumo que toma. E o senhor que ia a [RPla] guiar o barco... Eram duas senhoras que aqui do Maxialinho que iam para uma missa [ABlpara] para Janeiro de Baixo, aqui {CTlpa=para a} freguesia, adonde em primeiro [ABl{PHlnũ=não}] {PHlnũ=não} vinham dizer missa assim {fp}, e iam a passar o rio para aquele lado. E o senhor como {RClleva=levava}... Elas traziam a lanterna, como era de noite,

INQ Pois.

INF ainda, que era a missa lá às oito horas. No Inverno era de noite.

INQ Claro.

INF O senhor começou a... Só aquando chegou aqui {PHlo=ao} pé do açude é que ele viu que vinha perdido.

INQ Ui, que horror! Pois.

INF Aquando ele depois morreu, ele {pp} apareceu aqui no esteiro; e outra senhora apareceu ali na povoação em Janeiro de Cima; e a outra senhora [ABlv-] conseguiu-se salvar, foi bater ali numa fraga, e agarrou-se à fraga e começou a gritar, e as pessoas [ABlde] estavam na cama, foi tudo a correr, ainda a conseguiram tirar. Os outros dois já só apareceram uns dias depois.

Código de identificação do ficheiro: PVC03-C	
Localidade: Porto de Vacas Distrito: Coimbra	Concelho: Pampilhosa da Serra Data: Mai.95
Informante1: Carminda Idade: 42	Sexo: Feminino Escolaridade: 4ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1C0401 faixa: 01 min: 27:02-28:02	
Inquiridor2: João Saramago	
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 21 faixa: 03	
Data da primeira transcrição: Jun.03 Data da revisão final: Abr.04	

INF E já morreu aqui há... Há aí uns {pp} quatro ou cinco anos que morreu aqui também um soldado. Andava um destes a fazê-lo com os barcos, e depois aqui no açude, deixou-se...

INQ1 Mas a fazer aquelas experiências, a fazer aqueles treinos que eles fazem?

INF Sim, aqueles treinos que eles fazem. [ABIE{fp}] E depois deixou-se apanhar aqui [ABIna, na] nas 'brulhas'. Aquilo as 'brulhas', aquando o rio ia grande – agora {PHInũ=não} se nota, porque a água é pouca, como está tapada lá em cima...

INQ1 As 'brulhas' é o quê?

INF As 'brulhas' aqui do açude.

INQ1 Não sei o que é.

INQ2 São essas pedras, é?

INF Não. Aquando a água é muita faz aquelas 'brulhas' que embrulha a água.

INQ2 Ah, sim!

INQ1 Ah!

INQ2 Sim, sim, sim.

INF Ela parece que vem {CTlpa=para a} frente e volta.

INQ2 Volta para trás.

INQ1 Sim senhor. Então faz assim...

INF Volta para trás. E ele, [ABlo senho-] o senhor, eles vinham a descer com o barco, o barco voltou-se e ele meteu-se nas 'brulhas' e não se conseguiu {fp}... Porque aquilo a 'brulha' puxava sempre [ABlo] a pessoa para dentro.

INQ2 Pois.

INQ1 Claro.

INF Para dentro da água.

INQ1 Claro.

INQ2 E depois não deixava vir.

INF Para debaixo do... Não deixava vir acima. E [AB]aquando] ele quando o levaram daqui

{CT|pa=para a} Barroca Grande, morreu.

INQ2 Morreu.

INF [AB]Já ia] Quando chegou lá já ia morto. Isto há pouco tempo.

Código de identificação do ficheiro: PVC04-C	
Localidade: Porto de Vacas Distrito: Coimbra	Concelho: Pampilhosa da Serra Data: Mai.95
Informante1: Carminda Idade: 42	Sexo: Feminino Escolaridade: 4ª classe
Informante2: Casimira Idade: 82	Sexo: Feminino Escolaridade: Analfabeta
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago CD nº: 1C0402 faixa: 01 min: 19:19-21:41	Inquiridor2:
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 21 faixa: 04	Data da primeira transcrição: Jun.03 Data da revisão final: Abr.04

INQ ...

INF1 Se os senhores vissem aqui neste... Isto era uma coisa que eu digo: até tenho pena que os meus filhos não...

INF2 {IP|'tavø=Estava} a gente na cama e a ouvir as rodas a tocar, a cantar!

INF1 Aqui ao pé. Digo- {PH|li=lhe} mesmo que tenho uma pena, uma pena de os meus filhos {PH|nũ=não} verem {pp}, {PH|nũ=não} conhecerem este... [AB|Que, que]

INQ Como é que era?...

INF1 Nós, ele não. Em primeiro [AB|{PH|nũ=não} t-] {PH|nũ=não} achávamos piada nenhuma; mas agora os nossos filhos achavam {pp}, às rodas.

INQ Pronto. E a senhora também já tem saudades de, de, de...

INF1 [AB|De eu] De ver aquilo. Porque ele é bonito. [AB|A gente] Vinha gente já de noite [AB|para, da] da fazenda. Aqui à beira do rio, amanhece depois – agora, às vezes, é já às cinco...

INF2 Ai, era uma alegria! Era uma alegria!

INF1 A gente vinha à beira do rio abaixo, assim já de noite. Que era assim: as pessoas vinha tudo {PH|o3=aos} ranchos. Quer dizer, ajuntavam-se. Ele toda a gente andava a trabalhar tudo no campo, até muito mais tarde que agora. Que {PH|nũ=não} vinham... {PH|nũ=Não} havia televisão, {PH|nũ=não} vinham {fp} à pressa para vir ver as telenovelas. E isto hoje querem ver as telenovelas; e nós não; nós, em primeiro, [AB|vi-] {PH|nũ=não} vínhamos.

INQ Ai é? Pois.

INF1 A gente, às vezes, ele por esta hora – nós era {PH|ø'kwazi=quase} sempre aquando era às dez horas da noite – é quando nós devíamos de vir para casa. Que nós chegávamos a casa, tudo sempre tudo aí {CT|pa3=para as} dez horas da noite. Era assim já {fp} sempre de noite aquando a gente vinha.

INQ Quando eram as dez horas.

INF1 E era aquele {pp} a cantar, aquela chiada assim, aquela chiada duma [RP|duma] música duma...

Faz de conta que aquilo é uma música,

INQ Claro.

INF1 uma chiada, aquilo era duma maneira!...

INF2 Andavam assim aí com estes púcaros a (tirar) água para uns tabuleiros, para mor de ir

[AB|{CT|pa=para a}, {CT|pa=para a}] {CT|pa=para a} fazenda.

INF1 [AB|Aquela, aquela] Estava aqui, por exemplo, nós tínhamos uma; aqueles senhores ali – está ali aquela fazenda – já tinham outra; e aquilo {fp} eram fortes, aquilo era importante. E tinham aqueles fortes que se {fp} dizia que...

INQ É os muros de pedra.

INF1 De pedra. Aquilo assim tudo muito bem feitinho. [AB|E aquilo] E depois estavam ali as rodas, aquela cantava duma maneira, aquela cantava doutra. Era lindo, lindo! Hoje, agora é que a gente... Em primeiro, não achávamos piada, mas hoje... Se hoje lá estivessem, isto era importante! Era importante!

Tudo assim à beira do rio, assim!

INF2 E à beira do rio era uma alegria! E criava-se muito renovos, muito...

INF1 [AB|E {fp}, e {fp}] E depois, [AB|estes, era estes] estes púcaros, eram elas que [AB|tiravam] tiravam [AB|a {fp}] a água, e eram depois, os senhores... Era este aqui, por exemplo, dizer assim...

[AB|Dos, dos pi-] Destes pinheiros grandes é que faziam as cales, as cales tudo em... [AB|É que fa-]

INQ Para a água correr melhor?

INF1 {CT|pa=Para a} água correr, que ia [AB|pa-] {CT|pa|=para as} presas, e depois a gente ia-se tapar a presa, que ia regar... Isto [AB|era] era lindo, lindo!

Código de identificação do ficheiro: PVC05-C	
Localidade: Porto de Vacas Distrito: Coimbra	Concelho: Pampilhosa da Serra Data: Mai.95
Informante1: Casimira Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade: Analfabeta
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1C0402 faixa: 01 min: 22:51-23:44	Inquiridor2:
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 21 faixa: 05	Data da primeira transcrição: Jun.03 Data da revisão final: Abr.04

INF Todas são pipas. Mas aqui estas...

INQ Tanto faz serem grandes como pequenas?

INF Estas aqui são... Comprei-as a um sobrinho meu de Lisboa, é que nos as vendeu. {fp} [AB|De-]

'Vendeu-nos-as'?! Deu-mas.

INQ Pois.

INF [AB|E, e tem ra-] E tem torneira por baixo, e agora a minha filha já as tinha a encher, e agora tem-as despejado, e agora encheu hoje esta pipa {fp} {CT|pɔ=para o} gado, porque aqui {PH|nũ=não} se estraga.

INQ Pois. Está...

INF {IP|ta=Está} aí o tio Ciríaco tem aqui o gado. E agora vêm todas engarrafadas, vêm garrafas também.

INQ Pois, pois.

INF Mas estas bilhas, eu tenho ali outra bilha (...)... É a do vinho branco – [AB|tinha] tinha a outra (verde) –, que é do cacho branco.

INQ Pois.

INF A gente aparta o cacho branco, e há pessoas que apreciam – não é? – [AB|o b-] o branco. E {PH|'te=até} a gente para gastar em casa, [AB|para, para] para carnes e para muitas coisas assim, e para refogados. Às vezes, a gente, para certos refogados, bota-{PH|li=lhe} ainda um bocadinho de vinho branco, que dá bom [RP|bom] sabor.

INQ Pois. É ótimo.

INF Dá bom sabor!

Código de identificação do ficheiro: PVC06-C	
Localidade: Porto de Vacas Distrito: Coimbra	Concelho: Pampilhosa da Serra Data: Mai.95
Informante1: Casimira Idade: 82	Sexo: Feminino Escolaridade: Analfabeta
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1C0402 faixa: 01 min: 24:28-30:52	Inquiridor2:
Assunto: O linho	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 21 faixa: 06	Data da primeira transcrição: Jun.03 Data da revisão final: Abr.04

INF Isto levava muita volta! O linho levava muito volta! Isto, eu começava: eu [RPleu] semeava-o, e [RPle] plantava-o e (.../VB) em pano, porque eu também tecia.

INQ Então vamos para ali, que eles estão a falar muito, a gente conversa aqui.

INF [ABIE{fp}] E{fp} tecia-o e tudo. [ABIE, e] E, em primeiro, até camisas assim {CTlpa}=para os} homens, camisas de linho, {fp} faziam – em primeiro, quando era tudo mais pobre, que não havia dinheiro assim.

INQ Pois.

INF Nós, eu plantava-o todo... [ABlA gente] A gente {fp} apanhava-o... A gente, {PHlo=ao} fim de estar na terra – [ABlque, que] que estava aquilo semeado –, [ABle ao cabo que] {PHlo=ao} fim de estar assim, a gente passava-o [ABlpara um] para um... Chamávamos nós [ABlo, um, um] um ripe e ripávamos...

INQ O quê? Um ripe?

INF Um ripe. Que era assim com uns dentes, assim uma coisa grande, com uns dentes grandes, para tirar a baganha, [ABlpara, para] para mor de depois secava para tirar a semente – para tirar a semente. E depois a gente, então, ia-o {RClmerg-=mergulhar}...

INQ Mas a baganha era o quê? Era semente? Ou a baganha...

INF A baganha [ABlera] era, então, a semente por cima do linho. {fp} Dava semente, dava assim umas cabecitas.

INQ E como é que se chamava a semente que se guardava?...

INF A semente era a linhaça. Chamava-se era a linhaça. [ABl{PHli'te=Até} vi-] {PHli'te=Até} chegavam cá a andar a perguntar nela, a comprá-la por mor de levar {CTlpa}=para as} farmácias. [ABlPara, para, para]

INQ Exactamente, porque era bom para as, para os remédios.

INF Que era bom [ABlpara m-] para medicamentos.

INQ Exactamente.

INF Para medicamentos. {fp} Ele vinham muito comprá-la. {PHl'i'te=Até} ele, em primeiro, na minha criação, que a gente semeava muito. E depois a gente, {PHl'o=ao} fim de o ripar, ia então a gente a mergulhá-lo no rio. Tinha ali...

INQ Portanto, primeiro era o ripar?...

INF Primeiro, era quando o apanhava, era [ABln-] no ripe. [ABlEra um]

INQ Fazia o quê? Estava ...

INF Era uma coisa assim num pau, [ABlnum, num]

INQ Exactamente.

INF como é num banco, assim um coiso de ferro, assim alto...

INQ E quando estavam assim a fazer, diz que estavam a quê?

INF {IPl'tavẽw=Estavam} a ripar, {IPl'tavẽmuz=estávamos} a ripá-lo, e assim. E caía a baganha {CTl'pɔ=para o} chão, [ABlou] ou a semente – [ABla] a baganha {CTl'pɔ=para o} chão –, e depois botávamos aquela baganha {PHl'o=ao} sol. E aquilo, depois, o sol é que tirava {fp} a semente, é que tirava a linhaça – é que se tirava a linhaça. [ABlA gente] Eu sabia- {PHl'i=lhe} dar as voltas todas. E depois, então, a gente, {PHl'o=ao} fim [ABlde, de] de se estar a (.../VB), botava-o no rio assim uns tantos dias. Tinha a gente aquilo a...

INQ Quantos dias?

INF É conforme. {pp} [ABl A água]. A água, conforme está mais quente, curtia-o mais depressa. A gente ia buscar, ia lá tirar [ABluma] uma mancheia e botava-o {PHl'o=ao} sol, e secava, e daí a um bocado a gente experimentava-o. Era então [ABluma tasca] numa tasca que a gente [ABlo, o] o botava. Depois {PHl'o=ao} fim [ABlde o t-, de o, de o] de o tascar, {fp} botava-o a gente {PHl'o3=aos} molinhos, e botava-o depois num sedeiro. Era um sedeiro a assedá-lo; e depois fiava-o; depois, {PHl'o=ao} fim de o fiar, {fp} a gente fazia [ABlna na roca...

INQ Fiava com quê?

INF Na roca. Botava-o a gente numa roca. E tinha a gente assim uma roca, assim de cana, [ABl assim com um, com um, com um, com um]; tinha assim, botava- {PHl'i=lhe} assim uma rodelazita {PHl'djẽtri=diante} e ficava assim... E depois ia [ABlcom] com um fuso – {fp} tinha o fuso –, a gente fiava-o. E depois ia-o fiando, ficavam assim umas maçarocas. E depois levávamos [ABl{CTl'pɔ=para o},] para um... Chamávamos nós um {PHl'ɔrgẽ'diɫ^w=argadilho}. [ABlE depois] {fp}

INQ Mas já não iam... Não iam ser mais lavadas, as maçarocas já não eram lavadas?

INF (Ele não). Ai, eram lavadas! {PHl'o=Ao} fim de [RPlde, de]... Botava-o a gente num {PHl'ɔrgẽ'diɫ^w=argadilho} e depois tirava a gente as meadas. A gente lá dava as voltas e tirava meadas. Depois, aquelas meadas, [ABlbotava {fp}] emborralhava-se [ABlem b-] em borralha do forno, donde a gente cozia o pão – naquela borralha –, e botava-se a cozer [ABlnum] nuns cestos, assim nuns cestos grandes no forno, onde a gente cozia o pão. [ABlcozia] {fp} Aquecia muito o forno

INQ Pois.

INF e coziavam-se aquelas meadas. Depois tiravam-se então, ia a gente lavá-las bem lavadinhas e corava-as!

INQ Ao rio?

INF {PH|o=Ao} rio. {PH|o=Ao} rio, e quem {PH|nũ=não} tem rio, numa ribeira ou num barroco. E a gente depois levava então... {fp} Lavava-as bem lavadinhas e botava-as a gente a corar assim nos sítios, assim relveirinhos, a corar. E ficavam então branquinhas e branquinhas!

INQ Nuns sítios mais quê? Nuns sítios...

INF Depois, {PH|o=ao} fim de estarem então branquinhas – que a gente depois enxugava-as –, lavava-as umas poucas de vezes. Eram lavadas [AB|l-, em] muita vez, bem lavadinhas, bem lavadinhas, ficava [AB|aquele] aquele fio bem branquinho, [AB|bem] {fp} muito branquinho; e levava-o, botava-o a gente então naquela dobadeira – que, ali, vossemecê ali vê. É naquela dobadeira que faz a gente então os novelos, e depois é que ia {CT|p=para o} tear. E quando está no [RP|no] tear, aquilo dá muita volta! O linho dava muita volta.

INQ Exactamente. Olhe, diga-me só uma coisa: quando tascava o linho, o que é que saía?

INF Saía a {fp} rasta. Saíam rastas, assim as rastas.

INQ Olhe, e quando passava no, no sedeiro... Não, no ripo. Quando passava no ripo, o que é que saía? Era a baganha?

INF Era a baganha. E a gente botava aquela baganha {PH|o=ao} sol,

INQ Rhum. Então e?...

INF e depois até largar a semente.

INQ Sim senhor.

INF [RP|A largar a, a, a {fp}] Largava a semente que era a linhaça. E a linhaça depois...

INQ Sim senhor. Então, e quando o passava no sedeiro, o que é que largava?

INF No sedeiro, largava a estopa. Era estopa, era uma estopa do sedeiro... [AB|E {fp} era no] Quando era a espadanar [AB|no] era num cortiço...

INQ A espadanar?

INF A espadanar, quando era...

INQ Era a mesma coisa que tascar ou não?

INF {fp} Quando era da tasca, que eu o tascava, depois era espadanado, que era num cortiço [AB|da, de, de, de, de, de co-] de cortiça, assim um cortiço grande – que faziam uns cortiços grandes, que era {CT|pa=para a} gente então...

INQ E com que é que espadanava?

INF Ele era uma [RP|luma]...

INQ O que tinha na mão, como é que lhe chamava?

INF Era uma... Ai, eu agora não me lembra bem.

INQ Espadela?

INF Era uma... A espadana!

INQ Espadana.

INF Era uma espadana. A gente espadanava, espadanava, espadanava

INQ E isso era para quê? Espadanava para tirar o quê?

INF e tirava estopa. (Tirava) a gente a estopa.

INQ Outra vez?

INF Ele a estopa [AB| é de três ma-] era de duas maneiras:

INQ Ou sedeiro...

INF era aquela, era [AB|da, da] do cortiço; (e) era дума que ele cá fiava-se mais grossinho alguma coisa, que era para fazer roupas mais fortes, assim {CT|pa=para a}...

INQ Isso era à espadana, com a espadana?

INF Com a espadana. E depois quando era [AB|à{fp}]

INQ Com o sedeiro. Era mais fina.

INF no sedeiro, era aquela estopa mais fininha,

INQ Que servia para quê?

INF que era já era para fazer sacos... [AB|Que] Que primeiro não vinham sacas; não vinha adubo, não vinham sacas. Era {CT|pa=para a} gente (.../VB) para azeitonas e para apanhar feijões.

Código de identificação do ficheiro: PVC07-C	
Localidade: Porto de Vacas Distrito: Coimbra	Concelho: Pampilhosa da Serra Data: Mai.95
Informante1: Casimira Idade: 82	Sexo: Feminino Escolaridade: Analfabeta
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1C0402 faixa: 02 min: 00:24-03:11	Inquiridor2:
Assunto: O linho	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 21 faixa: 07	Data da primeira transcrição: Jun.03 Data da revisão final: Abr.04

INF Em primeiro faziam assim camisas para pôr fora, ainda, daquele linho fininho.

INQ Rhum-rhum.

INF [ABIE] Ele, mas e-] Mas (ele) depois deixou-se de usar assim; quando deu em haver mais alguma coisinha de dinheiro, [ABId-] já compravam as camisas de outras coisa.

INQ Pois.

INF Mas faziam-se lençóis fininhos e faziam-se toalhas: era toalhas {CT|pa=para a} mesa, era [AB|panos] panos para estas mesas pequenas, era [AB|pa-] toalhas assim para estas mesas assim... Era; e agora ainda mesmo [AB|ainda, ainda usam] ainda usam o linho.

INQ Claro, ainda se usa. Claro.

INF Eu mesmo ainda tenho lençóis de linho, [AB|do] dos que a gente fiava – porque a gente fiava. Ainda tenho lençóis de linho e {fp} toalhas. Eles têm [AB|pa-] toalhas [AB|por aí] para aí que {PHi'te=até} são muito [RP|muito] especiais. E as toalhas que trago [AB|las t-] é as toalhas de linho.

INQ Claro.

INF A minha filha ainda o outro dia, em Lisboa, quando eu lá estava, {PHi'te=até} {PHIi=lhe} lá vieram trazer {fp} – ele de uma senhora que é de Castelo Branco, [Tosse] que é de Castelo Branco e está casada {pp} lá em Lisboa... E vinha lá e foi lá, (pronto), {CT|pa=para a} minha filha {PHIi=lhe} fazer letras {pp} numas toalhas de linho, também.

INQ Pois, pois.

INF Diz que lá, ali [AB|{CT|p=para o}] {CT|p=para o} lado de Castelo Branco que ainda fiam, [AB|que ainda] que ainda usam.

INQ Pois. Acho que sim que ainda fiam.

INF Nós usávamos muito. Eu fiei muito, muito muito! Assim ele à noite, {PHl=ao} serão, {pp} fiava a gente muito!

INQ Mas juntavam-se as mulheres todas a fiar, ou?...

INF A gente (ele era) cada uma [ABl{CTlpa=para a} sua] para si; era cada uma nas suas casas.

INQ Mas juntavam-se todas?

INF Não. Por exemplo, eu fiava para mim, para minha casa; as outras fiavam cada uma {CTlpas=para as} suas casas.

INQ Mas, mas em sua casa ou c-, ou juntavam-se todas no mesmo sítio?

INF Em minha casa, em minha casa.

INQ Ah, está bem.

INF Em primeiro chegaram cá – em minha lembrança, que eu ainda me lembra –, quando eu era assim novita, faziam e chamavam a fogueira da rua. Faziam umas [RPlumas] fogueiras assim aí no povo – uma fogueira – e juntavam-se [ABlali] para ali muitas mulheres assim a fiar, àquela fogueira que chamavam a fogueira da rua, (assim era dita).

INQ A fogueira da rua.

INF A fogueira da rua.

INQ Pois.

INF Mas isso [Tosse]...

INQ Já era quando a senhora era pequena?

INF Era quando era pequena. Agora já não. A gente, nós, por exemplo, eu fiava para nossa casa {pp} e tecia – até eu também tecia. Tecia as teadas para mim e tecia teadas para alheio, que me pagavam por mor de eu tecer.

INQ Claro.

INF Para eu tecer, pagavam-me. E eu teci. Mas, no cabo, dei em ter muita vida, tínhamos cá os meus filhos pequenos, depois o meu marido {PHlnũ=não} queria [ABlque eu] que eu tecesse – que aquilo arromba muito; o tear arromba muito!

INQ Pois.

INF Porque é a gente a puxar com os pés e com as mãos. É. No tear tem a gente {fp} chamam as apeanhas, assim por baixo, a puxar para baixo os liços. E eram os braços [ABla, a, a{fp}], com o punho [ABla, a,a,a{fp}], onde chamávamos nós os canais, adonde {PHlbu'tavẽw̃nu=botavam o} pente, assim a [ABlb-{fp}] bater. E arrombava muito o peito.

INQ Claro.

INF E depois já eu trabalhava muito sempre [ABlna la-, la-] lá por fora e em casa!

INQ Pois. Claro.

Código de identificação do ficheiro: PVC08-C	
Localidade: Porto de Vacas Distrito: Coimbra	Concelho: Pampilhosa da Serra Data: Mai.95
Informante1: Cassandra Idade: 70	Sexo: Feminino Escolaridade: Analfabeta
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1C0402 faixa: 02 min: 29:50-30:20	Inquiridor2:
Assunto: O linho	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 21 faixa: 08	Data da primeira transcrição: Jun.03 Data da revisão final: Abr.04

INQ Como é que lhe chama?

INF Fungos. Já algum dia, [ABlna] quando me começa de lembrar, [ABln-] não havia linhas a vender como há agora nas... E ({PH|'erẽw̃nẽz=eram as}) mulheres fiavam [ABlna] do linho, fiavam linhas e torciam-nas, e depois é para coserem{fp}... Bem, [ABlpara] para {PH|ku'zerẽj̃nẽ=coserem a} roupa, {fp} para [ABl{PHlnũ=não} ser, {PHlnũ=não} se] {PHlnũ=não} se conhecerem as brancas.

INQ Pois.

INF Tingiam-nas com aquilo.

INQ Com o fungo.

Código de identificação do ficheiro: PVC09-C	
Localidade: Porto de Vacas Distrito: Coimbra	Concelho: Pampilhosa da Serra Data: Mai.95
Informante1: Benedito Idade: 68	Sexo: Masculino Escolaridade: 2ª classe
Informante2: Cassilda Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago CD nº: 1C0404 faixa: 02 min: 17:07-21:38	
Assunto: O azeite	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 21 faixa: 09	Data da primeira transcrição: Jun.03 Data da revisão final: Abr.04

INQ1 Portanto, punha-se aqui no pio, era? E depois...

INF1 Pois, a roda... Esta é a roda de fora, [ABla{fp}] a da água. [ABlna, na, (caía) aqui, era uma, uma] Tínhamos uma cale grande desde o (.../N); (tem) que haver aqui sempre água com fartura. [ABla água] Era uma cale comprida, como é daqui lá adiante àquela parede, e {fp} com bastante elevação, direito à roda, que era onde ela [ABltinha o] tinha o veio [ABlde lá, de a-] dalém aqui para dentro...

INQ1 Pois é.

INF1 Aqui dentro {pp} ainda havia uma outra roda aqui [ABlno, no] no coiso, no eixo da roda de fora, [ABlque esta era] que esta é que é a roda de {fp} [ABlque {fp}]...

INQ1 Faz de conta que é a roda de fora, esta. Rhum-rhum.

INF1 A roda de fora que está fora [ABldo az-] do lagar;

INQ1 Sim.

INF1 e tinha aqui [ABlum] {pp}

INQ1 Uma outra roda.

INF1 uma outra roda mais pequena, que chamávamos o rodete, com tornozinhos; e tinha então uma outra [RPltinha outra] {fp} roda assim redonda, por cima, com tornos assim para baixo...

INQ1 Ao alto?

INF1 {PHl=Ao} alto; e [ABlaquela] aquela outra roda que estava aqui encaixava assim [ABln-, nu-] naqueles tornos assim, e saíam, iam saindo, e aquilo sempre a andar assim, e é que topava a galga aqui dentro do pio e é que esmagava a azeitona.

INQ1 A andar. Sim senhor. O senhor chamou a uma coisa capelo e isso é que eu não sei o que é.

INF1 Capela, {pp}

INQ1 Capela.

INF1 era assim de cima. Por cima tinha... [ABlTinha] Por exemplo, a galga andava aqui a trabalhar no fuso, aqui [ABLEm ba-] à volta do fuso, e aquilo tinha assim um eixo alto e, por cima, era outra roda redondinha, tal e qual como a [RPlcomo a] que está por fora...

INQ1 Ah, é esta. Claro!

INF1 {fp} [ABIMas] Mas tinha tornos. Tinha uns tornos, assim, por exemplo, destas distâncias uma à outra.

INQ1 Sim senhor.

INF1 Elas ainda lá estão. {fp} Tinha os tornos assim [ABIde, em tu-] em tudo, à volta, e aqueles tornos iam encaixando nos outros; o outro de fora, [ABlo, o] a roda de fora, é que vinha encaixar naqueles [RPInaqueles] tornos da capela por cima, é que tocava; e ia apanhando, iam vindo uns, saíam os outros. E iam sempre a andar.

INQ1 Pois.

INQ2 Portanto, a capela...

INF1 Ela andava assim de volta e a outra andava assim.

INQ1 Portanto, a capela andava assim?

INQ2 Era o rodete? A capela era a mesma coisa que o rodete, ou não?

INF1 O rodete [ABlé que t-] é que tocava a capela por cima.

INQ2 Ah! E a capela servia para quê, então? Ai, a capela era a mola grande!

INF1 {fp} A capela [ABl é que tocava, é que ia tocar o{fp}]

INQ2 Já estou a perceber. A capela era a outra roda...

INF1 é que ia tocar a galga a esmagar a azeitona no (.../N).

INQ2 Rhum-rhum.

INQ1 Portanto, o rodete ficava ainda por cima da capela?

INF1 Por baixo.

INQ1 Por baixo.

INF1 A capela andava por cima,

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 andava assim por cima; e tinha aquilo, tinha um [RPlum]... {fp} A galga, por exemplo é...

Aquilo tinha um [RPlum] veio alto, para cima, e a capela devia trabalhar [RPIdevia trabalhar] assim nesta altura.

INQ2 Rhum.

INF1 E a galga andava dentro do pio, assim por baixo – que era uma [RPluma] galga alta, dava-me aqui assim pelo cinto, [ABluma, uma, uma] uma pedra grande, em redondo, como a pedra do moinho ou de uma azenha, conforme. Mas andava à volta sempre a (.../VB). Mas andava sempre assim em volta do pio, [ABlapanhava] e a massa ia correndo, ela lá as esmagava. {fp} E a capela era uma roda assim redonda grande, e o rodete – vira conforme a roda que usam ter além fora –, o rodete vinha para aqui [ABle p-, e{fp}] e andava a andar assim e tocava [RPle tocava] a capela por cima {pp} para que a capela andasse, pois.

INQ1 E tocava na capela. E a capela andava, sim senhor. Já percebi. Portanto, se eu percebi, só havia uma galga?

INF1 Só uma galga. No pio, era. Nós ele ali só tínhamos uma galga. {fp} Há vários lagares aqui, mesmo desses coisa {fp}... Acho que aqui no Pisão que havia duas galgas, {fp} mas nós ali só temos uma.

INQ1 Pronto. E dava algum nome àquela parte do pio onde a galga andava, que era assim mais arredondada?

INF2 Um morcego!

INQ1 Um morcego, não faz mal.

INF1 [AB]O pio, tinha] Eu tinha outra galga por baixo [AB]le {fp}] e aquilo [AB]lo, o que d-] o que segurava a galga, [AB]lo que a gente] {pp} que andava [AB]lno] no veio, que era o eixo [AB]lda] da capela e andava no fundo, num aguilhãozito assim por baixo – trabalhava no fundo do pio, na outra pedra, que era da mesma massa da... E era cantaria igual, dessa pedra coisa... Tudo o que estava no fundo, (...) a outra trabalhava de cima, onde esmagava a azeitona – era outra galga também por baixo.

INQ1 Ah, portanto havia uma galga por cima e uma galga por baixo?

INF1 Pois, porque o piso era assente, mas a galga estava deitada;

INQ1 Sim, Exacto.

INF1 e tinha [AB]lum] {fp} um veio assim no fundo, adonde trabalhava a [R]Plonde trabalhava a] roda [AB]l^{assim} na] ...

INQ1 Sim, sim.

INF1 E aquilo era: o pio é assim redondo, [AB]le a, enquanto, e a] e a outra galga que andava {PH}l=ao} alto trabalhava de cima da outra que estava assente, assim deitada, como está este aqui.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 Trabalhava assim. A outra [AB]lesma-] andava de cima de...

INQ1 E a outra de baixo estava parada?

INQ2 Portanto, a, a de baixo é, era...

INF1 A de baixo estava parada. Estava assente, era o piso.

INQ1 Era o piso.

INF1 Era. Ele era o piso onde a outra esmagava a azeitona, de cima.

INQ1 Sim senhor.

Código de identificação do ficheiro: PVC10-C	
Localidade: Porto de Vacas Distrito: Coimbra	Concelho: Pampilhosa da Serra Data: Mai.95
Informante1: Benedito Idade: 68	Sexo: Masculino Escolaridade: 2ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago CD nº: 1C0404 faixa: 02 min: 21:58-24:49	Inquiridor2:
Assunto: A azeitona	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 21 faixa: 10	Data da primeira transcrição: Jun.03 Data da revisão final: Abr.04

INQ Havia assim uma vara, não era? Assim em madeira comprida, que estava no, estava encaixada no, na parede?

INF Pois. {pp} Pois. [AB|Isto a] Isto a [RPla] vara... Faz de conta que [AB|ele isto é] isto aqui é o fuso.

INQ Sim senhor.

INF E aqui dentro a vara, [AB|v-, vinha] vinha lá de cima [AB|da pare-] do agulhadouro, que [AB|ch-] chamava a gente...

INQ Como é que chamava?

INF O agulhadouro, onde {PH|egu'lwavε=agulhava} a vara, ele tinha... A vara era furada e metia-se {PH|li=lhe} {fp} uma coisa {CT|pa=para a} segurar. [AB|No] Conforme estava além, assim metida na parede, e tinha ali umas pedras grandes, assim com um furo, e que metia-se assim uma coisa assim bem justinha, [AB|como é que é, ou] como é que fosse ou podia ser de ferro ou de [RPlou de] madeira, ou coisa, mas tinha que ser uma [RPluma] coisa forte. [AB|E faz-se]

INQ Mas o agulhadouro era aquela parte onde encaixava ou era aquele pau?

INF [AB|Era onde encaixava] Era onde encaixava lá no cimo.

INQ Onde encaixava.

INF [AB|No] No lugar donde [RPl donde] seguia a vara para baixo.

INQ Sim senhor.

INF E aqui, isto é o enseiradoiro, (ele) aqui como a gente chamava, ou o alguergue (...).

INQ Que aqui é o enseira-... O enseiradoiro, que era o quê?

INF Onde se metia a massa dentro das seiras; e depois a vara descia-se para baixo {pp} e apertava aqui e é que se punha...

INQ Portanto, é esta coisa assim redonda que tinha um, um rego à volta?

INF Sim, sim.

INQ É o dois.

INF [ABlIsto, isto] Este é o dois. [ABlÉ o, é] Este, faz de conta, [ABlÉ] aqui é que era [RPlé que era] o... [ABlMas a vara] {pp} A gente punha aqui as seirinhas [ABlredo-] redondas, por aí...

INQ As se-, as várias seiras, quatro ou cinco...

INF Eu punha duas ou três ou quatro, e depois punha-{PHlI=lhe} assim uns [RPluns] malhais de madeira, assim, por exemplo, quadrados, por exemplo, desta largura mas um bocadinho mais compridos, assim desta largura, de cima duns dos outros, até chegar à vara, e depois a gente começava a descer a vara, porque o {RClfu-=fuso}... [ABlTinha o fuso, tem aqui] Tinha aqui o fuso e a isto [ABlÉ fa-] chamávamos nós a tranca. O fuso {fp} trabalhava dentro de uma concha aqui [ABlna, na] na ponta da vara – (levava) umas roscas, não é? –,

INQ Sim, sim.

INF que chamávamos nós a concha, começava a... Tanto levava acima, como trazia para baixo. A gente, [ABlia mete-, ia sem-, ele pa-] para enseirar, levava a vara acima e metia as seiras, ia enchendo, e metia em metade das seiras que lá pertenciam... [ABlTra-] Vínhamos então, púnhamos então os malhais de cima das seiras, começávamos a descer a vara lentamente, lentamente, conforme íamos dando o apoio, conforme ia aguentando; e depois, em já estando aquilo bem rijo, já estava meio espremido, tinha aqui por baixo ainda outro contrapeso, no fundo [ABldo fu-] do fuso. {pp}

Chamávamos nós o...

INQ Uma?... Uma pedra grande?

INF Uma pedra grande, que ele{fp} está aqui desenhada – que [ABl eu, que eu] eu não sei já...

INQ Pois, que era o contrapeso?

INF Era o contrapeso. Púnhamos no {RClfu-=fuso}. {fp} [ABlPunha] Tinha aqui também um buraco e púnhamos-{PHlI=lhe} uma chave {pp} coisa [ABlna, no fuso] no fundo do fuso – que está aqui o buraco também –,

INQ Sim senhor.

INF e a gente metia uma chave [ABle ela ist-]... A gente ia [ABldan-] rolando [ABlcom o fu-, ou com a] com a tranca em volta, e o fuso ia-a puxando acima, {PHlI'te=até} que isto ficava na ponta da [RPlna ponta da] vara, e fazíamos uma coisa que dava o último aperto à azeitona.

INQ Sim senhor.

Código de identificação do ficheiro: PVC11-C	
Localidade: Porto de Vacas Distrito: Coimbra	Concelho: Pampilhosa da Serra Data: Mai.95
Informante1: Benedito Idade: 68	Sexo: Masculino Escolaridade: 2ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago CD nº: 1C0404 faixa: 02 min: 25:34-27:12	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: A azeitona	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 21 faixa: 11	Data da primeira transcrição: Jun.03 Data da revisão final: Abr.04

INQ1 Portanto, havia, havia duas peças, dois bocados de pedra, na ponta, ou era só uma?

INF Não. Aquilo nem era pedra; [AB|aquilo é] aquilo era: era só a pedra e tinha [RPl|e tinha] ali [AB|luma] um coiso, uma argola de ferro grande de encaixar, e entrava dentro daqui do fundo do fuso; entrava porque o fuso [AB|tinha, tinha] tem uma [RPl|uma] cavidadezinha para cima, e entrava; e aquilo tinha umas [RPl|umas] vielas em volta, no fundo, para mor de aquilo {PH|nũ=não} (romper)... Porque aquilo era muito coiso, para se {PH|nũ=não}... Que aquilo era: era sempre {PH|e'zi/lu=azinho} ou [RPl|ou] sobre – ou sobreira, como a gente chamava –, o fuso. E{fp} tinha aquele [RPl|aquele] buraquinho com aquela... E o fuso tinha aquela [RPl|aquele] parte para cima {pp} e{fp} encaixava dentro do fuso, e depois a gente metia ,{fp} por exemplo, assim na parte que tinha um furo, assim; metia-se aquela chave e depois já o levantava; mas se não metesse a chave, não o levantava, porque fuso ia para cima, {fp} sozinho, e {PH|nũ=não} levantava [AB|a pe-] o penedo para cima.

INQ2 Portanto, o fuso, a chave era para travar o penedo ao fuso?

INQ1 Mas... Era aquilo que prendia?

INF Pois. É. [AB|Era, era] Era para mor de (coiso). Por exemplo, o penedo tinha isto aqui, assim – [AB|tinha] tinha esta parte a assomar assim no penedo –, e encaixava rente do fuso assim de baixo para cima.

INQ1 Rhum-rhum.

INF E depois havia assim um buraquinho aqui, a gente metia aqui aquela chave...

INQ1 Que era o que segura o fuso ao penedo para poder ir acima.

INF [AB|Que é] Pois. [AB|Que é, que é] Que era depois a gente começava a andar com [RPl|com] o fuso de roda e o penedo... A própria rosca do fuso em cima na concha levava o penedo acima e levantava-o assim do [RPl|do] chão para cima, assim, uma distância destas, para cima – por exemplo. {pp} (Ele ia outra vez) pousar – aquilo ia abatendo – e a gente tornava-{PH|li=lhe} a dar mais uma volta ou duas, {PH|l'te=até} que...

INQ1 Portanto, portanto, a chave era o que segurava o fuso ao penedo?

INF Pois. Era o que segurava [ABlo pene-] o penedo {PHlo=ao} fuso.

INQ1 Exacto.

Código de identificação do ficheiro: PVC12-C	
Localidade: Porto de Vacas Distrito: Coimbra	Concelho: Pampilhosa da Serra Data: Mai.95
Informante1: Benedito Idade: 68	Sexo: Masculino Escolaridade: 2ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago CD nº: 1C0404 faixa: 02 min: 27:17-28:56	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: A azeitona e o azeite	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 21 faixa: 12	Data da primeira transcrição: Jun.03 Data da revisão final: Abr.04

INQ1 Ah! Além dos malhais, que eram aqueles paus, não, não havia assim um redondo de madeira, também, que se punha em cima?...

INF Pois, chamava a gente o alguergue. Não era madeira. Aquilo nem era madeira. Era [ABlem{fp}] em cimento, assim{fp}, em cimento ou na fraga dura, porque a gente, (ele) tinha ali assim um coiso redondo, assim onde se punham as seiras, e de lá vinha a caleira, directa [ABl à] à tarefa, e naquela tarefa, [ABl primeiro {PHlnũ=não} é que] primeiro, {PHlnũ=não} é o que aparava o azeite... A gente dali passava-o para outra – [ABl é que, ele na] tínhamos (ele) era umas [ABl d-] duas. [ABl Tinha, tinha] Vinha de baixo da vara o azeite a correr para aquela, e a gente [ABl ia] ia – aquilo eram ele uns potes grandes –, tinha o sangradouro por baixo, a gente sangrava para um outro canal que havia para baixo [ABl san-].

INQ1 Para um?

INF {fp} Assim por baixo [ABl do] lá do piso do lagar, havia [ABl um a-] um augueiro para mor de sair aquela água para fora.

INQ1 Alguergue?

INQ2 Augueiro.

INF [ABl Um] Um augueiro.

INQ1 Augueiro. Desculpe que eu não tinha percebido. Sim.

INF Assim [ABl um {fp}, um] dum 'auganal', como a gente cá chama. Aquilo é por baixo; e a gente sempre tinha um espiche lá [ABl na] no fundo daquele pote, quando ia subindo [ABl a, a]... Tinha água... Aquilo (ele) tem água sempre por baixo, o azeite vem sempre para cima, e a gente ia sempre sangrando aquele azinhave por baixo e o azeite entrava por cima. Depois passava-se então para o outro [ABl (é que, é que)]. [ABl No outro po-] Na outra tarefa é que era metido o azeite.

INQ2 E na outra tarefa já não tinha água nenhuma?

INF Já não tinha nada. [ABl Era só]

INQ2 Era só o azeite?

INF Era só o azeite puro. A gente ia-o passando a pouco a pouco, devagarinho... [ABIE] E fazia-se a calda primeiro! E depois no fim de fazer a calda... Porque agora o azeite {PHInũ=não} é caldeado como era naquela altura. Naquela altura era caldeado nas seiras, aquilo é que era com água a ferver, ia sempre... {pp} Era sempre caldeado.

Código de identificação do ficheiro: PVC13-C	
Localidade: Porto de Vacas Distrito: Coimbra	Concelho: Pampilhosa da Serra Data: Mai.95
Informante1: Benedito Idade: 68	Sexo: Masculino Escolaridade: 2ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1C0404 faixa: 02 min: 30:09-30:54	Inquiridor2: João Saramago
Assunto: O azeite	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 21 faixa: 13	Data da primeira transcrição: Jun.03 Data da revisão final: Abr.04

INQ1 Como é que o senhor sabia que aquilo, que a água e o azeite estavam, que tinha que abrir por baixo o espiche, ou assim, e que tinha, que o azeite estava bom?

INF Então a gente, quem está calhado naquilo, ele o azeite {IP|ta=está} sempre no cimo. A gente, aquando era coisa, até tínhamos [AB|uma] uma azeitona...

INQ1 Hum!

INF Púnhamos uma azeitona na ponta de uma palha assim comprida, {pp} e a gente, punha a azeitona, sabia se havia muito azeite ou se havia pouco, porque a azeitona em chegando à água pára, não vai para baixo. Enquanto há azeite vai para baixo, em chegando à água {pp} pára.

INQ1 Que giro!

INQ2 Está bem! Já se sabia!

INQ1 Portanto, sabia qual era a altura a que estava o azeite?

INQ2 Dentro da, da tarefa? Isso não sabia.

INF Sim, a gente sabia se ele... A gente sabe a altura [AB|que tem ele] do azeite dentro [AB|da, dentro do] do pote.

Código de identificação do ficheiro: PVC14-C	
Localidade: Porto de Vacas Distrito: Coimbra	Concelho: Pampilhosa da Serra Data: Mai.95
Informante1: Benedito Idade: 68	Sexo: Masculino Escolaridade: 2ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago CD nº: 1C0405 faixa: 01 min: 01:36-02:14	Inquiridor2:
Assunto: O azeite	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: CD nº: 21 faixa: 14	Data da primeira transcrição: Jun.03 Data da revisão final:

INQ A calda era, era pôr água quente para dentro, ou não?

INF Era no fim de [RP]no fim de]... A gente espremia primeiro as seiras; e depois {fp} levantava outra vez a vara e levantava as seiras todas e quebrava a massa bem miudinha e depois tornávamos a desfazer a massa bem...

INQ À mão?

INF À mão, mas sempre dentro das seiras. [ABI]já qu-] Quebrávamos aquela massa no fim de já estar escoada da primeira vez; e depois partíamo-la bem miudinha, ficava aquilo depois tudo desfeito; e depois então a gente botava água a ferver para dentro das seiras [AB]le{fp}] e mexia bem mexido tudo. Em estando outra vez... Estava outra vez... Aquilo estava tudo... Depois é que se tirava a calda.

INQ Molezinho é que tornava...

INF Tornava-se a dar outro aperto e então com aquele aperto e com aquela água a ferver é que a gente passava o azeite {CT}pa=para a} outra tarefa.

Código de identificação do ficheiro: PVC15-C	
Localidade: Porto de Vacas Distrito: Coimbra	Concelho: Pampilhosa da Serra Data: Mai.95
Informante1: Benedito Idade: 68	Sexo: Masculino Escolaridade: 2ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago CD nº: 1C0405 faixa: 01 min: 04.42-05:19	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: A agricultura	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 21 faixa: 15	Data da primeira transcrição: Jun.03 Data da revisão final: Abr.04

INQ1 O senhor há bocadinhos falou em ganhões. O que é que chamava ganhão aqui? Que tipo de pessoa é que era?

INF Era um homem que andava a trabalhar com os bois, [ABlque{fp}] que ia lavrar as terras e{fp} fazia os transportes [ABlde] da azeitona daqui {CTlpo=para o} lagar, [ABle de{fp}] e de resinas. Em primeiro não havia estradas, iam levar daqui a resina em carros de bois à Barroca do Zêzere – [ABle{fp}] e que foi onde houve aqui as primeiras fábricas de resina.

INQ1 Rhum-rhum.

INF [ABIEra tudo] Era tudo carregado [ABlcom] com bois, nos carros dos bois.

INQ2 Portanto, era o homem que tinha os bois e que andava com o carro?

INF Pois.

INQ2 A transportar coisas dum lado para o outro.

INF Pois. É, é o que se chamava um ganhão.

Código de identificação do ficheiro: PVC16-C	
Localidade: Porto de Vacas Distrito: Coimbra	Concelho: Pampilhosa da Serra Data: Mai.95
Informante1: Benedito Idade: 68	Sexo: Masculino Escolaridade: 2ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago CD nº: 1C0405 faixa: 01 min: 28:32-30:48	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: A agricultura	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 21 faixa: 16	Data da primeira transcrição: Jun.03 Data da revisão final: Abr.04

INQ1 Portanto, agora do... Eu vou-lhe perguntar assim os trabalhos que se fazem aqui ao longo do ano. Portanto, quem trabalha a terra, o que é que faz no mês de Janeiro ou Fevereiro ou Março?

INF {fp} A gente aqui é quase sempre o mesmo [RP]lo mesmo] serviço que faz. A gente chega-se [AB]la] à altura [AB]lda] da sementeira, faz a sementeira; depois faz a colheita [AB]laquando vem] {pp} lá {CT}põ=para o] mês de Outubro; depois chega-se a apanha da azeitona, colhe-se a azeitona...

INQ1 Rhum-rhum.

INF Pois, é assim que... Ele ora [AB]lfaz-se a] faz-se a colheita de... Primeiro [AB]la da] a do milho [AB]le da] e cachos [AB]le, e, e]... A primeira de todas é a batata. Agora daqui a amanhã, já se começa a tirar a batata [AB]le a]...

INQ2 É agora durante o mês de Maio, ainda?

INF Ai, {fp} se não fosse aquele (nevoeiro), havia-as aí que no fim de Março estavam criadas.

INQ2 Ah! É cedo.

INF É cedo. Atrasaram-se um bocado. E já {PH}nũ=não} vão onde haviam de ir, já {PH}nũ=não} dão o que deviam de dar.

INQ1 Pois é.

INF Logo as videiras não dão nada, a maior parte delas. [AB]lNaquilo] Aqui de volta da povoação ainda aí há [AB]lumas] umas folhitas verdes, mas no mais dos lados por aí ele {PH}nũ=não} ficou folha verde. Estão só uns tanganhos pretos, como ali estão parece que estão secos.

INQ2 Pois.

INF Que não dão nada.

INQ1 Olhe...

INF Nós, desde que [RP]desde que] aqui veio a queima do lume há cinco anos, {pp} ainda cá não levámos um ano de vinho em condições.

INQ2 E acha que tem a ver com isso, é? É por causa disso? ...

INF Não sei, não sei. Não sei como é que é isto. Ele a gente... A gente tem {pp}... Com esse ano foi é que veio a queima com o lume, queimou tudo; os cachos ficou tudo queimado, e{fp} azeitonas e tudo, (aquilo) /que ele\ ardeu tudo.

INQ2 Por causa do calor, foi? Foi muito calor?

INF Foi com o calor. As videiras tivemos que as cortar antes, só arrebentaram... As mais delas, onde passou mais coisa, (as folhas) só arrebentaram por baixo, [ABIno, no] rente à terra. Agora já iam a recomçar [ABIde] a ter umas bagazinhas para começarem a dar cachos, [ABlchegou] este ano veio o gelo queimou tudo outra vez.

INQ1 Ah, pois.

INF Que a agricultura tem assim destas coisas, é.

Código de identificação do ficheiro: PVC17-C	
Localidade: Porto de Vacas Distrito: Coimbra	Concelho: Pampilhosa da Serra Data: Mai.95
Informante1: Benedito Idade: 68	Sexo: Masculino Escolaridade: 2ª classe
Informante2: Carminda Idade: 42	Sexo: Feminino Escolaridade: 4ª classe
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago CD nº: 1C0406 faixa: 02 min: 15:34-17:37	
Inquiridor2: Gabriela Vitorino	
Assunto: Os produtos hortícolas	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 21 faixa: 17	
Data da primeira transcrição: Jun.03 Data da revisão final: Abr.04	

INQ1 Que tipos de couve é que há, aqui? O que é que?... Eu vou pôr... Volto já. Eu vou pôr aqui ... Eu não quero...

INQ2 Olhe esta. Veja esta aqui.

INF1 Esta aqui {fp}, eu {PHInũ=não} sei o nome dela, mas [ABlé] é couve e é de repolho [ABLe e-] e esta também. E há outra que chamamos a couve negra [ABLe a] e couve normal, que a gente...

INF2 Há couve galega. A gente há uma que diz a couve galega também.

INF1 E outra é a couve das sete semanas.

INF2 Pois.

INQ2 E portanto, a couve galega não é a mesma coisa que a couve negra?

INF2 Sim, é mais ou menos.

INF1 É mais ou menos, mas é um bocadinho mais tenra. É um bocadinho mais... Fica...

INQ2 É? A couve, a couve negra?

INF1 Ele a negra [ABlé{fp}] é assim mais escura a folha; e a outra torna-se um bocadinho mais branca, a folha, [ABlmais] mais tenra.

INQ2 Ai a outra, a galega é mais tenra do que a negra?

INF1 É.

INQ2 Ah! Eu achei tão tenrinha aquela que o João diz que era da negra.

INF2 A gente agora chama... Tendo-se dessa couve negra, que a gente tem é {fp}...

INF1 Sim, mas depois aquela é outra couve que nós estamos a dizer que é [ABlida, é da que se] da que se põe aquando é [ABl{PHlo=ao}] aí {PHlo=ao} São Miguel, aí em [ABlAgo-, Ago-] Agosto {fp}. Põe-se em Agosto!

INF2 [ABlHá esta] Há esta couve negra que é a que a gente agora tem no Verão.

INF1 Que {PHInũ=não} espiga.

INF2 Que {PHInũ=não} espiga.

INQ2 *Ah!*

INF2 Que é a couve negra. E depois então, aquando é depois em Agosto ou Setembro, põem, na terra das batatas, põem a outra couve mais branca.

INF1 Agora aquando é em Agosto... Que é a que se come aí mais tenra (é essa aí).

INQ2 *A galega?*

INF2 Pois, que a gente depois [ABlco-] comer no Inverno. Que é aquela que dá depois no Inverno.

INQ2 *Pronto. Sim senhor. Já sei o que é.*

INF1 E esta couve negra é a que a gente aí utiliza para fazer o caldinho verde.

INQ1 *Rhum-rhum.*

INQ2 *Portanto, é parecida. É uma coisa parecida com a outra. Só que esta não espiga...*

INF1 Pois, mas a outra {pp} é mais branca.

INF2 A outra é um bocadinho mais branca.

INQ2 *Pois.*

INF1 Mas esta {PHInũ=não} espiga; e a outra aquando se vem depois o mês [ABlde] de Março, Janeiro e Março, e coisa, e Fevereiro, espiga toda.

INQ2 *Pois. Começa a espigar. Exactamente.*

INF1 Agora esta que a gente põe agora [ABlno, no, no] no fim de Agosto, depois para esse tempo espiga toda.

INQ2 *Pois.*

INF1 E esta {PHInũ=não} espiga. Porque planta a gente... Que a gente chamamos, cá, nós, até, esta couve, [ABlchamamo-] chamamo-las as couves margaridas.

INF2 Pois.

INQ2 *Exactamente. A sua irmã também disse couve margarida.*

INF1 É.

Código de identificação do ficheiro: PVC18-C	
Localidade: Porto de Vacas Distrito: Coimbra	Concelho: Pampilhosa da Serra Data: Mai.95
Informante1: Benedito Idade: 68	Sexo: Masculino Escolaridade: 2ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago CD nº: 1C0407 faixa: 01 min: 26:15-27:26	
Assunto: O vinho	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 21 faixa: 18	
Data da primeira transcrição: Jun.03 Data da revisão final: Abr.04	

INF Nós aqui usávamos por cima do carro dos bois uma dorna, e [AB]le ainda se] ainda se levavam... Em sítios onde o caminho era bom, ainda levavam [AB]lum{fp}] uns canastrões, destes canastrões, destes cestos de madeira, que ainda traziam quatro, dois de trás e dois diante da dorna, por cima [AB]ldo] do tiro do carro – do chedeiro do carro.

INQ1 Rhum-rhum. Pronto. Mas...

INQ2 E depois quando chegavam à, à loja o que é que faziam?

INF Era{fp}: botavam-se para dentro da dorna e{fp} esmagar. Agora já é tudo... Em primeiro eram pisados com os pés; agora já é tudo com...

INQ1 Mas diga-me pelo antigo: quando era pisados com os pés, onde é que se punham os cachos todos?

INF Era para dentro da dorna e era (tudo metido lá).

INQ1 Ah, não havia nada assim de cimento nem de pedra, feito? Era mesmo em dentro?... Portanto, havia uma dorna...

INF Não, não. (Portanto), [AB]lenchi- enchia-se uma, botava-se para dentro de outra. Tinham várias dornas. Ele{fp} quem tinha um rebanho deles tinha uma, duas, três, quatro, conforme as que lá eram precisas.

INQ1 A pessoa ia para dentro... As pessoas iam para dentro das dornas e com os pés é que?...

INF Iam para dentro... Pisavam até assim perto do meio, {fp} [AB]lcom a] e depois esmagavam cá fora dentro [AB]ldum] dum outro tareco, e botavam para dentro da dorna até encher. Em enchendo aquele, botava-se para outro.

INQ1 E ficava lá dentro aquilo já esmagado?

INF Isso ficava lá dentro {PH}li'te=até} fermentar; e em fermentando,

INQ1 O que é que se fazia?

INF tirava-se o vinho, [AB]le fa-] e fazia-se a aguardente bagaceira.

Código de identificação do ficheiro: PVC19-C	
Localidade: Porto de Vacas Distrito: Coimbra	Concelho: Pampilhosa da Serra Data: Mai.95
Informante1: Casimira Idade: 82	Sexo: Feminino Escolaridade: Analfabeta
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1C0407 faixa: 02 min: 14:18-15:31	Inquiridor2:
Assunto: O linho	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 21 faixa: 19	Data da primeira transcrição: Jun.03 Data da revisão final: Abr.04

INQ Então, conte-me lá como é que se fazia o trabalho todo do linho.

INF Do linho? Primeiro semeava a semente; tinha cá a semente, semeava-o.

INQ Como é que se chamava a semente?

INF A semente era linhaça; {pp} a semente é linhaça. E depois então a gente semeava. {CT|pɔ=Para o} tempo, a gente apanhava... Ele o linho era muito bonito. [AB|Quan-] Quando me eu cá andava [AB|na, na, na] no campo, [AB|na] nas fazenda, era muito bonito ver mesmo o linho. Bem, a gente ele usava era o linho. A gente, depois de apanhado, era repanhá-lo e depois era seco. Apanhava-lhe quando ele já estava assim curado. E aqui neste (.../N) botava-o [AB|no] no (.../N). Tínhamos um [AB|lum, um]... por mor de arrepelar a semente – assim como é que lhe chamava, já não me lembro –, [AB|e{fp}] e depois era alagado na água. Era alagado na água [AB|aí oi-] aí oito dias. Depois tiravam-no, era maçado – [AB|tinha] tenho cá a maça também, sei que a aqui tenho por baixo, a maça de amasar o linho. Era maçado e era tascado, espadanado...

INQ Mas maçar era para tirar o quê? Maçar...

INF [AB|É para ti-] É para tirar a palha, tirar a que {PH|nũ=não} servia [AB|para, para ele]

{CT|pɔ=para o} linho.

INQ Pois.

INF Para ficar assim.

INQ E depois tascava, para quê?

INF E depois era [AB|depois era]... Ele no fim de maçado, era tascado.

Código de identificação do ficheiro: PVC20-C	
Localidade: Porto de Vacas Distrito: Coimbra	Concelho: Pampilhosa da Serra Data: Mai.95
Informante1: Casimira Idade: 82	Sexo: Feminino Escolaridade: Analfabeta
Informante2: Catarina Idade: 57	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1C0407 faixa: 02 min: 15:52-19:26	
Inquiridor2: João Saramago	
Assunto: O linho	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 21 faixa: 20	
Data da primeira transcrição: Jun.03 Data da revisão final: Abr.04	

INQ1 Mas então explique-me lá: tascava o linho para quê? Para sair o quê?

INF1 Para sair a palha, a que {PHInũ=não} prestava, assim {CTIpo=para o} chão.

INQ1 Como é que lhe chamava a essa palha?

INF1 {fp} Ele era o esterco assim que saía do linho (...).

INF2 Mas, a tascar?

INF1 Sim, no fim de o tascar.

INQ2 Ah!

INF1 Primeiro era tascado; depois {pp} era maçado.

INQ2 E com que é que tascava?

INF1 [ABIEra mi-] Era eu. Eu e às vezes...

INF2 Tascava. Era a tasca.

INF1 Ai, a tasca. Então era a tasca.

INQ1 ...

INQ2 Então pergunta com quê.

INF1 Era a tasca. Onde era [ABIdesca-] arranjado era a tasca. E era então as espadanas. A espadana, também ainda cá tenho [ABluma] uma espadana.

INQ1 E a esp-, e a espadana era para tirar o quê?

INF1 {fp} A espadana era para tirar essa {fp} palha miudinha, miudinha.

INF2 A aresta!

INF1 A aresta, sim. A aresta. Pois é, para tirar a aresta do linho.

INQ1 E espadanava... Espadanava em cima de quê?

INF1 Eu espadanava de cima dum cortiço das abelhas. Num cortiço das abelhas é que a gente espadanava.

INQ1 Pois.

INF1 E depois agora, ele [ABllevava]

INQ1 E depois a seguir?

INF1 levava muita volta, assim [AB|para esse] para quem o punha em pano.

INF2 Fiava-o...

INQ1 Mas a seguir a espadanar o que é que tinha que fazer?

INF2 Fiava-o; [AB|depois ele] depois dobava-o num {PH|orgɐ'diʎ^w=argadilho}...

INF1 (...) No {PH|orgɐ'diʎ^w=argadilho} e depois era na dobadura. (...)

INQ1 Pois.

INF2 No fim, as meadas [AB|é quando i-] é quando iam para [RP|para, para] corar...

INF1 Pois, é que as meadas eram cozidas no forno com borralho.

INQ1 Pois.

INF1 Pois era.

INQ1 Para ficarem branquinhas?

INF1 Sim senhora. Pois é, ele é verdade.

INF2 Primeiro semeava-o.

INF1 Sim.

INF2 Depois mergulhava-o na água [AB|{CT|pɾɔ=para o}, {CT|pɾɔ=para o} linho na-] {CT|pɾɔ=para o} linho tomar [AB|a{fp}] muito tempo na água.

INF1 Curtir. Para se curtir.

INF2 Curtir. No fim de se curtir, tirava-se, secava-se; no fim de seco é que se tascava; no fim de se tascar é que se espadanava.

INF1 Dava muita volta!

INF2 [AB|IE a] No fim de espadanado [AB|lera] é que era {fp}... Como é que isso era? Como é que é que vossemecê disse? O {PH|ɛsi'dɛjru=sedeiro}, [AB|sedei-] {PH|ɛsi'dɛjru=sedeiro}, que era para tirar [AB|a 'estofa'] a estopa do linho.

INQ1 Tirava a estopa, era?

INF1 Era, sim. Tirava a estopa primeiro que era {CT|pɾɔ=para o} linho... (Fazia a gente)...

INQ1 No sedeiro?

INF1 No sedeiro.

INQ1 E quando estava a trabalhar no sedeiro, diz que estava a quê?

INF1 Então, no sedeiro [AB|lera] era sempre assim, que só usava essa, e era no sedeiro.

INF2 Era só a reparar.

INF1 A reparar, era.

INF2 A reparar e depois ficava aquele [RP|aquele] linho a luzir, [AB|aquela] que aquilo era depois {fp} era que fazia estrigas.

INF1 Era molhado.

INF2 Chamavam elas {pp} as estrigas. Faziam uma trancinha [AB|lno] no linho, faziam uma trancinha e depois aquelas trancinhas é que era mesmo o linho

INQ1 Pois.

INF2 verdadeiro. Depois [AB|ainda tra-] {PH|'ide=ainda} se tirava mais duas qualidades de linho: que era a estopa fina e a estopa grossa. Aquilo [AB|aquilo ainda] ainda tornavam a... Aquela que saía [AB|de, mesmo, do, do] quando estavam a repar {CT|pɔ=para o} linho, para fazer aquelas trancinhas, era a estopa fina,

INQ1 Pois.

INF2 que a faziam {CT|pɔf=para os} lençóis [AB|de f-] de estopa fina. Depois ainda tiravam outra grossa que ia {CT|pa]=para as} cobertas [AB|da] da azeitona.

INQ1 Exactamente, misturadas com lã.

INQ2 Hum.

INF1 Pois é, pois é, sim senhora. Com lã ou algodão...

INF2 E depois é{fp}...

INQ1 Pois.

INF1 Pois era, sim senhora. Eu fazia (muitas).

INF2 (Em uma), eu nunca aprendi [AB|a{fp} f-] a fiar mesmo na roca, mas [AB|a minha m-] minha mãe

INQ1 Pois.

INF2 {fp} fiava, [AB|de-] desde que o criava até que o punha em pano. Mas eu, eu também nunca {PH|'subi=soube} fiar.

INQ1 Pois.

INF2 O meu avô ainda me fez uma roca. Quando eu era pequenita, ainda me fez uma roca para eu fiar, mas eu [AB|nunca] nunca aprendi. Nunca aprendi a fiar.

INQ1 Pois.

INF2 Mas a minha mãe é que sabia bem tudo.

INF1 É verdade.

INF2 Sabia fazer tapetes, sabia fazer mantas, lençóis, tudo, passadeiras, tudo! Ela fazia de tudo, tudo, tudo!

INQ2 Rhum-rhum.

Código de identificação do ficheiro: PVC21-C	
Localidade: Porto de Vacas Distrito: Coimbra	Concelho: Pampilhosa da Serra Data: Mai.95
Informante1: Catarina Idade: 57	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante2: Casimira Idade: 82	Sexo: Feminino Escolaridade: Analfabeta
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1C0407 faixa: 02 min: 24:37-27:07	Inquiridor2: João Saramago
Assunto: O linho	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 21 faixa: 21	Data da primeira transcrição: Jul.03 Data da revisão final: Abr.04

INF1 Mãe, como é que é?... Como é que era [ABlaquel-] aquela parte?... Quando a gente tirava da urdideira e depois enrodilhávamos {PHl=ao} órgão.

INF2 Pois enrodilhávamos, então. {pp} (...)

INF1 Depois a gente... Eu alembra-me que eu, quando eu ia lá muita pequenina, e puxava e (...) puxar! Eu sentava-me por baixo do banco

INQ1 Pois.

INF1 e a minha mãe lá continuava a enrodilhar, a enrodilhar.

INF2 A enrodilhar, a enrodilhar (durante uns tempos).

INF1 Porque aquilo ao tempo que tirava da urdideira, aquilo faziam-me uma {fp}... Parece que era umas correntes.

INQ1 Pois, pois, pois.

INF1 [ABl Depois{fp}] Depois eu sentava-me lá no chão, a puxar, a puxar {CTlpa=para a} minha mãe enrolar {PHl=ao} órgão.

INF2 Pois era.

INF1 Depois, {fp} [ABlaí nesse, aquando] no fim de [RP]de] estar [ABlo] no órgão, [ABlo que é que] o que é que fazia para?...

INF2 Prende às canas, {fp} nas cruzes {fp}.

INF1 Sim. E depois [ABlempei-] empeirava-o, ou como é que vomecê dizia, para pôr no pente?

INF2 Pois, e primeiro era nos liços.

INF1 Sim.

INF2 Primeiro era nos liços e depois é que era no pente.

INF1 Mãe, que nome é que davam a isso?

INF2 Isso... Isso... [ABlEmpei-]

INQ2 *Empeirar?*

INF2 Empeirar.

INF1 {PHInũ=Não} sei que nome é que vomecê {PHIi=lhe} dava.

INF2 Era a empeirar. Empeirar. (...) Depois então nos liços, nos liços é que era a empeirar, e era fio a fio. Pois, era fio a fio (duas vezes).

INQ1 Pois.

INF2 No pente é que já era a dois a dois...

INQ1 *E depois quando juntava doze fiozinhos para passar um liço, no pente, não era?*

INQ2 *Eu acho que tu...*

INF2 Oh, eu tinha uma palhetazinha também; por mor de enfiar no pente, tinha uma palheta.

INQ1 Pois, pois.

INF2 Nos liços era à mão só. Nos liços era só à mão.

INQ2 *Mas quando estava no, quando punha o, o resteleiro em cima do órgão?...*

INF2 Sim, sim. Sim, sim, o resteleiro. O resteleiro que é, pronto, quando vinha do órgão... No fim de se enrodilhar a teada {PHI=ao} órgão, então punha-se no resteleiro. Enfiava... Primeiro enfiava-se as canas nas cruces. Quando era cortada a teada, abrir a teada, e depois era: depois cosia-se, e depois era cortada até às canas, nas cruces, que era umas por baixo e outras para cima – nas cruces. Depois, no fim, quando era para mor de as (guiar) já era cortado [ABlo fio] o fio no fundo, por mor de a atar, quando é empeirada nos liços – por cima dos liços.

INQ2 Mas...

INF2 E aquela quando é dobada também é fio a fio. (...) Eu era a fio a fio, mas algumas já era a par a par, a dois e a dois. Mas eu nunca assim usei a dois; antes gostava de fazer era fio a fio.

INQ2 *Mas, no resteleiro, entre cada um daqueles pauzinhos,*

INF2 Sim.

INQ2 passavam doze fios, não era?

INF2 Sim. {pp} Pois {RC|passa-=passavam}. Passavam sim. (Ele) passava assim...

INF1 Era os caminhos!

INF2 Pois.

INF1 Não era?

INF2 Era. Eram os caminhos. Pois, era o caminho. Eram os caminhos – não era? –, que era um caminho que ele passavam lá uns poucos.

Código de identificação do ficheiro: PVC22-C	
Localidade: Porto de Vacas Distrito: Coimbra	Concelho: Pampilhosa da Serra Data: Mai.95
Informante1: Cátia Idade: 82	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante2: Carminda Idade: 42	Sexo: Feminino Escolaridade: 4ª classe
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1C0408 faixa: 01 min: 00:54-04:46	Inquiridor2: João Saramago
Assunto: O fabrico de carvão	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 21 faixa: 22	Data da primeira transcrição: Jun.03 Data da revisão final: Abr.04

INQ1 E agora como é que eu vou saber o que é a 'magoriça'? É que eu pensava que a 'magoriça'... Lá para a, para os meus lados, a 'magoriça' é o, aquilo que chamam cá o mato ribeirinho, o mato da ribeira...

INF1 Não, nós {PH|o=ao}...

INQ1 É aquele de flor branca?

INF1 O ribeirinho é a flor branca e aquele não. Tem a {RC|f=-flor}...

INQ1 É a flor cor-de-rosa?

INF1 É a flor [AB|verme-] assim avermelhada.

INQ1 Avermelhada.

INF1 Avermelhada.

INQ1 Mas qual é a diferença da torga?

INF1 [AB|E tem assim, tem assim um pa-] Tem assim pauzinhos; a torga é a que chamam o mato torgueiro.

INQ1 E é diferente da 'magoriça'?

INF1 Pois esse a {RC|mag=-'magoriça'}. É esse diferente.

INQ1 E como é que eu vou saber se é 'magoriça'?

INF1 Mas {pp} esse é [AB|daq-, da, da] donde {PH|'tirẽwne[=tiram as] torgas. [AB|às vezes, as, a]

INQ1 Pois, pois, pois.

INF1 Torga. A torga [AB|que, que] é o que é...

INQ1 Serve para fazer carvão?

INF1 Que era para fazer carvão. Em primeiro, quando {PH|nũ=não} havia assim tanto gás, (...) vendia-se muito, {fp} andavam muito, faziam muito carvão, que era para mor de {fp}... {fp} Ele {PH|'te=até} vinham de longe aí os carvoeiros, {fp} [AB|com] com burros, machos, {fp} a levar o carvão, que era [AB|para] para se aquecerem em sítios – não é? – que {PH|nũ=não} havia... Em

primeiro {PHInũ=não} havia gás, {PHInũ=não} havia [ABltanto] tantas coisas [ABlpara] para se aquecerem... Aquilo é para se aquecerem.

INF2 O lume com o carvão?

INQ1 Mas aqui não havia ninguém que fizesse carvão?

INF1 Faziam-no.

INQ1 Também cá? Pessoas de cá?

INF1 Cá também. Cá também. {fp} 'Acaria-se' muito mato de torga. Cá.

INQ1 Para fazer carvão mesmo?

INF1 Mesmo para fazer carvão.

INQ1 Mas a senhora nunca fez?

INF1 Eu, não senhora. Eu {PHInũ=não} o fazia.

INQ1 Nem o seu marido? Nunca viu? Não, o marido também não fazia...

INF1 Não. Nem o meu marido também não. Também... Nós tínhamos lenha de pinheiros assim [ABlle-]...

INQ1 Pois.

INF1 A gente tem lenha de pinheiro. Mas [ABlpara sítios] para terras [ABlque {PHInũ=não} tinham] que {PHInũ=não} tinham lenha, levavam ou {PHlɛkɛr'tavẽw̃nu=acartavam o} carvão para se aquecerem com ele.

INQ1 Pois.

INQ2 Mas sabia, sabe como é que se fazia o carvão?

INF1 O carvão faziam-no {fp}... Sim, eu {PHInũ=não} o fazia, mas via-o em sítios onde o faziam.

Arrancavam as torgas e faziam ali assim uma poça grande na terra – uma poça muito grande –, e depois queimavam ali as torgas, e depois {PHlɔ=ao} fim de se elas apagarem...

INF2 Botavam-{PHlli=lhe} água {CTlpaz=para as} [ABlap-] (apagar).

INF1 {fp} Botavam-nas assim espalhadas e depois {fp} acartavam-nas, às sacas, [ABlnos] nos burros e machos (cavalos).

INQ1 E tapavam com terra?

INF1 Tapavam-no sim. [ABlQuan-] Quando acabavam, tapavam que era para mor de se apagarem e [ABlpara {PHInũ=não}] {CTlpɔ=para o} carvão não ficar assim derretido, para não ficar assim desfeito.

INQ1 Pois, para não fazer cinza.

INF1 E ele havia... A gente via aí por esses matos fora, mesmo em sítios que havia muita torga, via-se muito aquelas [RP]aquelas] poças.

INQ1 Rhum-rhum.

INF2 A fumar, {pp} aquelas poças.

INF1 Aquelas poças. Aqui [ABlessas] naquelas serras ali [ABlde] – vossemecês {PHInũ=não} sabem –, {fp} ali de Bogas, em primeiro, nós tínhamos lá fazendas ali [ABlde] à beira do rio, e víamos lá passar

os carvoeiros, por mor de ir buscar o carvão, assim {CT|pɔ=para o} (lume). Andavam uns homens a fazê-lo e vendiam-no àqueles que cá vinham buscar o carvão com os machos.

INQ1 E os car-, o carvoeiro andava com quê? Com machos e mulas e?...

INF1 Era com machos e mulas a acartar.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 E cantavam muito quando lá vinham a cavalo, lá pelas aquelas serras abaixo. Cantavam muito! Ainda {PH|nũ=não} havia assim {fp} as estradas assim boas, [AB|para] para irem; ainda {PH|nũ=não} havia lá os carros; {PH|nũ=não} passavam lá os carros naquela estradas; era só com machos [AB|e] e com [RP|com, com]...

INQ1 Mas com quê? Com machos e cangalhas ou?...

INF1 {fp} Pois, {fp} para acartar [AB|as fa-]...

INQ1 Ou era com carroças?

INF1 Não, era com...

INQ1 Era mesmo?...

INF1 [AB|Era] Era mesmo [AB|com, com] assim [AB|com] com cangalhas [AB|na, na] a carregar assim as sacas, {fp} de cima dos machos.

INQ1 Pois.

INF1 E eles aquando vinham sem nada, que vinham (andando), {pp} fartavam-se lá de cantar.

INF2 (...)

INF1 A gente dizíamos: "Olha, já lá {PH|'vẽjẽjnu|=vêm os} carvoeiros"!

INQ1 Que engraçado!

INF1 Ele ouvíamos assim a cantar... Até eu cantava muito! Havia aqui uma [RP|uma] festa, aqui para cima, [AB|que cha-, que chamavam] que era a Senhora da Póvoa; e lá a santinha era a Senhora da Póvoa e eles cantavam muito! Deixavam assim um rabo para trás, cantavam muito a Nossa Senhora da Póvoa aqui!

INQ1 Como é que é? Ainda se lembra como é que era a mú-, a letra?

INF1 Eu, eu não. Eu não. Eu ouvia-os a cantar, mas eu {PH|nũ=não} o sabia.

INQ1 Ah!

INF1 {PH|nũ=Não}. {PH|nũ=Não}, {PH|nũ=não} cantava.

Código de identificação do ficheiro: PVC23-C	
Localidade: Porto de Vacas Distrito: Coimbra	Concelho: Pampilhosa da Serra Data: Mai.95
Informante1: Cátia Idade: 82	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante2: Carminda Idade: 42	Sexo: Feminino Escolaridade: 4ª classe
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1C0408 faixa: 01 min: 05:55-06:34	Inquiridor2: João Saramago
Assunto: O fabrico do carvão	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 21 faixa: 23	Data da primeira transcrição: Jun.03 Data da revisão final: Abr.04

INF1 As bruxas eram [ABlum-] umas coisinhas de barro que tinham assim [ABluma] duas asinhas e com uns buracos, e ali metiam o carvão ali para dentro {pp} aceso, e aquilo aguentava o carvão um dia inteiro aceso sem...

INQ1 Mas era para aquecer?

INF1 Para aquecer.

INQ1 Ai, que engraçado!

INQ2 É, é aquela coisa de barro que tinha na sua loja, pendurada no tecto?

INF2 {IP|tave=Estava} uma coisinha de barro, no tecto, que tem uns buraquinhos em tudo em volta.

INQ2 É. Sabe, eu julgava que aquilo era para assar castanhas.

INF2 Aquilo é uma bruxa – chamavam aquilo. Metiam para ali {pp} o carvão e aquilo guardava ali a quentura, e dali {fp} com a respiração dos buracos da...

INQ2 Sim senhor.

INF2 Aguentava o carvão todo o dia {fp}.

INQ1 Que giro! E era o aquecedor de antigamente.

INF2 Era [ABlum] um aquecedor desses antigamente.

INF1 Um aquecedor.

Código de identificação do ficheiro: PVC24-C	
Localidade: Porto de Vacas Distrito: Coimbra	Concelho: Pampilhosa da Serra Data: Mai.95
Informante1: Cátia Idade: 82	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante2: Carminda Idade: 42	Sexo: Feminino Escolaridade: 4ª classe
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1C0408 faixa: 01 min: 07:08-13:57	Inquiridor2: João Saramago
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 21 faixa: 24	Data da primeira transcrição: Jun.03 Data da revisão final: Abr.04

INF1 E os sapateiros? Os sapateiros...

INF1 E os sapateiros [AB|que vinham] que vinham fazer calçado. Em primeiro, era: [AB|ele parece-me que tinha] havia sapateiros que vinham fazer cá o calçado [AB|da ge-] à gente, {pp} a casa. E a gente também, com aquela (luz), tinha ela ali acesa quando é de Inverno e (ele) aqueciam-se ali. E até servia para muita coisa.

INQ1 Portanto, os sapateiros andavam de terra em terra a fazer a?...

INF1 Pois, a gente, [AB|na] naquela altura, a gente chamava-os... (Porque ele) havia {fp} uns que sabiam bem fazer calçado...

INQ1 Como é que os chamavam? Não havia telefone.

INF1 Não. [AB|Os, os] A gente, {fp} aqui nestas terras em volta ele eram conhecidos (...).

INF2 Era (...).

INF1 É. Eles vinham a pé. E até aqui de Janeiro de Cima, ali [AB|de] daquela terra ali que fica ali {fp}, logo próxima aqui à nossa, {fp} mas só que (aquilo é uma freguesia) do concelho do Fundão.

INQ1 Como é que se chama?

INF1 Janeiro de Cima.

INQ1 Janeiro de Cima.

INF1 É, fica aqui {fp}... Já é do concelho do Fundão. Fica ali logo perto donde [RP|donde] esgota a água aqui da barragem.

INF2 Naquele tempo, [AB|a minha mãe] a minha mãe chegou a ir [RP|a] à Covilhã a pé {pp} e descalça.

INF1 E descalça, sem levar calçado nenhum!

INF2 [AB|Ainda fez u-] Ainda fez uma viagem à Covilhã descalça, daqui à Covilhã sem [RP|sem]...

Descalcinha!

INF1 E o caminho ruim! {PH|nũ=Não} era agora como é que está {fp} as estradas alcatroadas [AB|que {IP|ta=está}].

INQ1 E que idade é que tinha quando foi isso?

INF1 {fp} Eu comecei lá a ir...

INQ1 Era pequenina?

INF1 Ainda era pequenita, ainda. Ia a minha mãe, ia lá... Iam lá muitas mulheres. {PHInũ=Não} havia onde ganhar dinheiro.

INQ2 Rhum-rhum.

INF2 Vender os ovos.

INF1 A gente {fp} tinha muitas galinhas e {fp} frangos – criava frangos –, ajuntava-os [ABLe] e depois vendia-os, levava-as – carregos [ABIde] de ovos, e [ABIde, de] frangos assim de cima dos ovos...

Ajuntavam-se assim até destas terras em volta, quando era aí por aí cima, por essas terras por aí cima, já era {fp} uma ranchoada que eu sei lá. Vinham de uma terra, ajuntavam-se {fp} lá [ABIno ca-] no caminho por aí cima [ABLe]...

INQ1 E iam todas juntas?

INF1 E íamos juntas. [ABIEra] Era: iam {PHI=ao} sábado; {fp} a praça é {fp} {PHI=ao} domingo é que lá se vendia; e vendíamos e vínhamos à segunda-feira.

INQ1 Três dias!

INF1 Três dias! Então é muito longe! Daqui {CTIpa=para a} Covilhã é muito longe!

INQ1 Pois é! Então não é?!

INF1 É...

INQ2 E onde é que levavam os ovos e, e os frangos?

INF1 Levávamos numa cesta grande, numa cesta grande à cabeça.

INF2 (...) A Covilhã [ABlé m-] é mesmo antes de chegar à Serra de Estrela.

INQ1 Pois, eu sei!

INQ2 E os ovos, e os ovos eram muitos?

INF1 [ABlé logo, é logo quase] É logo...

INQ2 Por trás do...

INF1 [ABIFica] Fica a Serra de Estrela aqui assim, chega aqui assim a Serra de Estrela e nós andávamos de volta daqui, [ABlpor] de volta [ABIda] da serra – (a vida é assim) –, e a estrada seguia então {CTIpa=para a} Covilhã. {IP!tavẽ=Estava} ali uma terra que era o Tortosendo – que lá está – e {fp} era [ABlonde a] onde a gente ia dormir o dia que ia; e do outro dia, alevantava-se ainda de noite, e ainda eram – diziam – léguas. {fp} Diziam [ABlque era] que era uma légua [ABIde, de, da Co-] do Tortosendo {CTIpa=para a} Covilhã; diziam, na altura, diziam [ABlque e-] que eram oito léguas daqui [ABlpara] {CTIpa=para a} Covilhã.

INQ2 Exacto.

INF1 E a gente ia a pé, {fp} a pé e {fp} com um carregão para cima e outro para baixo. Naquele tempo, era um tempo terrível, não havia nada onde se ganhasse...

INQ1 Pois, mas as senhoras levavam para lá os ovos

INF1 Levávamos ovos.

INQ1 e os frangos.

INF1 Pois. Era para...

INQ1 E depois para cá, o que é que traziam?

INF1 Então comprava a gente muitas coisas lá, que era tudo mais em conta lá que era por cá, e mesmo (víamos) aqui as terras em volta que {PHInũ=não} tinham... {PHInũ=Não} havia que vender como há agora.

INQ1 Pois.

INF1 {PHInũ=Não} tinham nada que vender. A gente trazia mercearias, [ABl trazia] trazia{fp} muitas coisas [ABl{PHI'te=até}]...

INF2 Traziam louça para vender depois cá.

INF1 {PHI'te=Até} louça [ABl(e) {PHI'te=até}] (e) {PHI'te=até} se cá vendia. [ABIE{fp}] E havia pessoas assim que nos {PHIvẽ'diẽw̃nuz=vendiam os} ovos, {fp} também nos encomendavam coisas {CTlpa=para a} gente {PHIli=lhe} trazer, e a gente trazia. [ABlUm carregol]

INQ1 Olhe, e como é que chamavam às pessoas que, quando... Lá na Covilhã como é que chamavam a essas pessoas que lá iam vender ovos e frangos? Chamavam-lhe o quê?

INF1 "Ah, fulano"! {PHInũ=Não} chamavam pelo nome da gente, então?!

INQ1 Não, não tinham nome nenhum? Não chamavam as ovelhas, ou?...

INF1 Não. [ABIElas] Elas vinham...

INF2 {PHInũ=Não} eram certas, {PHInũ=não} eram certas.

INF1 {PHInũ=Não} eram certas. Vinham... Vinham, compravam; e a gente tinha-as ali na praça, estava ali na praça assim em fileira, todas {fp} – eu e muitas –, {fp} daí dum lado e do outro, e dessas terras em volta; já tínhamos ali e{fp} vendíamos, elas vinham comprar, a gente... Pagavam...

INQ1 Pois.

INF1 Pagavam e iam-se embora e a gente, [ABle a gente, em s-] em vendendo tudo, ia fazer as compras que era para trazer, [ABle, e] e vínhamos {fp} dormir {PHI=ao} caminho, adonde podíamos.

INQ1 E dormiam aonde?

INF1 Dormíamos nessas estradas aí por aí baixo [ABlonde] onde se fizesse noite.

INQ1 Mas, mas pediam às pessoas para deixar dormir num palheiro, ou assim, ou?...

INF1 Ah, pois! {fp} A gente tinha pessoas, lá pedíamos para mor de nos deixarem lá dormir [ABle, e{fp}] e pagávamos-{PHIli=lhe}.

INF2 Nas {RCIlo=lojas}.

INQ1 Ai tinham que pagar?

INF1 {fp} [ABl Pa-] Pagávamos. {fp} Quando íamos para cima, íamos lá a dormir a uma no Tortosendo, lá na terra, e dávamos-{PHIli=lhe} [ABlum{fp}] um tanto cada uma{fp}, para nos lá deixar dormir em casa. {fp} Dormíamos bem. [ABIA minha mãe, elas até, elas até {fp} tinham ali] {fp} Havia ali [ABlmuitos] muitas fábricas [ABlde, de, de] a tecer {fp} panos de lã, 'xais' [ABle] e assim muitos panos de lã, [ABle tinham] e havia pessoas que estavam [RPlque estavam] lá a trabalhar na fábrica e traziam {fp} 'xais' para mor de{fp} cá coser os (.../N) em casa, para elas os arranjamem em casa.

INQ1 Pois.

INF1 E depois [ABlelas] com aqueles 'xais', (ele) fazíamos ali [RPlfazíamos ali] a cama. Mas {fp} a minha mãe {fp} costumavam sempre a convidá-la a levar-{PHlli=lhe} alguma coisa assim de coisas de comer, assim de casa – ou um bocadinho de carne, a gente matava, [ABlou] ou tínhamos gado, levávamos-{PHlli=lhe} um queijo ou dois –, e levávamos e elas faziam-nos uma cama boa, assim numa cama [ABlde] de rede e assim numa cama destas [ABlde] de madeira – [ABleou] ou outras assim de rede, conforme {fp} tinham.

INQ1 Pois, pois.

INF1 {fp} As outras mulheres era ali deitadas [ABln-, n-] nos 'xais', ali [ABlna, na] naquelas camas que {PHlli=lhe} faziam ali no chão;

INQ1 Pois.

INF1 e {fp} nós, {fp} eu e a minha mãe {fp} – também ainda lá foi uma irmã minha, que era mais velha que a mim, também, às vezes, era ela que lá ia, [ABle{fp} nós dormíamos] a que lá ia connosco –, nós dormíamos na cama, naquela cama boa, mas a minha mãe lá levava-{PHlli=lhe} uma lembrança e ela {PHlnũ=não} nos mandava lá [ABlpara, para, lá para] {CTlpø=para o} chão.

INQ1 Pois, Pois.

INF1 {PHlnũ=Não} dormíamos no chão. A gente passou-as! E depois [ABln-] quando vínhamos para baixo, era donde nos começasse de noite é que dormíamos. Havia muitas terras por aí baixo! Havia muitas terras {fp}...

INQ1 E não tinham medo?

INF1 Íamos muitas. {fp}

INQ1 Eram muitas, defendiam-se bem.

INF1 A gente de noite {PHlnũ=não} andava. A gente de noite {PHlnũ=não} andava.

INQ1 Claro!

INF1 [ABlEm, Ad-] Adonde nos ficasse de noite é que a gente [ABlpo-] pedia dormida. Às vezes, havia pessoas conhecidas nessas terras assim que nos davam dormida.

INQ1 Rhum-rhum.

Código de identificação do ficheiro: PVC25-C	
Localidade: Porto de Vacas Distrito: Coimbra	Concelho: Pampilhosa da Serra Data: Mai.95
Informante1: Cátia Idade: 82	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante2: Carminda Idade: 42	Sexo: Feminino Escolaridade: 4ª classe
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1C0408 faixa: 01 min: 14:01-17:12	Inquiridor2: João Saramago
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 21 faixa: 25	Data da primeira transcrição: Jun.03 Data da revisão final: Abr.04

INQ1 Nunca havia assaltos aí pelas serras?

INF1 Não. [ABl{PHlnũ=Não}, não, lá {PHlnũ=não}] Lá nisso nunca nos {fp}...

INQ1 Nunca houve problema?

INF1 {PHlnũ=Não} havia assaltos. [ABlLá]

INQ2 E ia, ia quê? Uma vez por mês lá à Covilhã, ou?...

INF1 Ia... Era conforme. Era conforme os que a gente ajuntava: se a gente (então falava) em juntar-se, era todos os sábados... {fp} Todos os domingos lá havia praça, [ABl{fp}] se vendia. Todos os domingos se vendia se a gente lá estivesse. Era: [ABlem tendo] em tendo carregos para levar, a gente falava com as outras vizinhas que quisessem ir com a gente [ABle{fp}] e íamos.

INF2 Era numas cestas. [ABlAs cestas]

INQ2 Pois.

INF1 Ah, pois. Era uma cesta grande! E aquilo era cada carregos! Quanto maior [RPlquanto maior] era o carregos, [ABlmai-] mais dinheiro a gente fazia.

INQ1 Claro.

INF1 Mais dinheiro.

INQ2 Normalmente conseguia vender tudo?

INF1 Vendíamos tudo. Aquando não acabávamos de vender na praça, íamos às portas {pp} acabar de vender. Íamos às {fp} portas, {fp} acabávamos de vender lá (aquilo) lá por um lado e por outro – cada uma por onde podia.

INQ2 E esse caminho que disse que fazia passava pelo Fundão ou não chegava ao Fundão, ia por c-, mais por cima?

INF1 A gente {PHlnũ=não} ia pelo Fundão.

INQ2 Ia mais por cima.

INF1 A gente era aqui {fp} por Silvares – vossemecê também se calhar sabe.

INQ1 Silvares?

INQ2 Rhum-rhum.

INQ1 Sim, sei.

INF1 Sabe? Era por Silvares, Ourondo... Ourondo, não; ele {PHInũ=não} íamos por Ourondo; {fp} engano-me; ele Ourondo é quando a gente vai no [RPIno] carro. (Ele íamos ao redor de) Ourondo, íamos {CTI'puru=pelo} Barco {fp}...

INF2 De Silvares {PHIɔ=ao} Barco?

INF1 {fp} Era {CTI'puru=pelo} Barco, uma terra que chamam o Barco. [ABIE{fp}, e] E ali havia uma passagem, ali [ABlhav-] havia umas passagens... {fp} Ali o rio era assim assente...

INQ1 Qual era o rio que passa aí?

INF1 Era este.

INQ1 É este aqui? O Zêzere?

INF1 Era este rio, [ABlque] que vem da Serra de Estrela. Este é o rio que vem da Serra de Estrela [ABlpara ci-] para baixo.

INF2 O rio Zêzere.

INF1 O rio Zêzere é o que nasce [ABIna] na Serra de Estrela, mas vem ajuntando, ajuntando, ajuntando, há muitas ribeiras [ABle]

INQ1 Pois.

INF1 e barrocos por aí baixo {fp}, quanto mais para baixo é, [ABImai-] mais água leva. [ABIE{fp}] E nós {fp} passávamos naquele [RPInaquele] rio. Havia ali... Aquando era no Verão, ele era [ABlali] umas, umas] ali um tabuão – [ABlchamamos uma] que é de pinheiros assim –, um tabuão muito largo, [ABle] e assim [ABlco-] com uns {PHIbrɛ'gɛjruɜ=vergueiros} [ABlde, de, de] – chamamos nós cá – [ABl(dos que estão)] dos que estão à beira do rio, [ABlde] de salgueiros, assim aqueles {PHIbrɛ'gɛjruɜ=vergueiros} a atar [ABla] as tábuas por baixo...

INQ1 Os vergueiros é o quê?

INF1 Os {PHIbrɛ'gɛjruɜ=vergueiros} é {fp}...

INQ1 Ah! Aqueles coisos para, que servem para atar?

INF1 {fp} Esses coisos [ABlque é] que era para atar. Que eram aqueles {PHIbrɛ'gɛjruɜ=vergueiros} fortes, assim para atar, por cima da tábua. Mas havia muitas... E eu hoje também já lá não era capaz de passar. Se fosse hoje, da minha cabeça, já {PHInũ=não} era capaz de [RPIde] lá passar. Que ali no rio é assim muito assente, [ABle] e {PHI'di=daí} era muito largo! Metia a água, ia a água assim muito espalhada, era ele mais largo. E eu ia muito... Levava... {fp} Ia passar muitos carregos das outras, {pp} porque havia muitas que {PHInũ=não} eram capazes de lá passar, que metia medo. [ABIEra mu-] {fp} Aquilo só por uma tábua! Ora a gente carregada e assim muito..., e com aqueles {PHIbrɛ'gɛjruɜ=vergueiros} que tinha a atravessar por cima da tábua, a dar para empear com o pé e de a gente ir {CTIpo=para o} rio.

INQ1 Pois.

INF1 Que havia... E chegavam lá a cair {fp} {CT|pó=para o} rio.

INQ1 Ai é?

Código de identificação do ficheiro: PVC26-C	
Localidade: Porto de Vacas Distrito: Coimbra	Concelho: Pampilhosa da Serra Data: Mai.95
Informante1: Cátia Idade: 82	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante2: Carminda Idade: 42	Sexo: Feminino Escolaridade: 4ª classe
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1C0408 faixa: 01 min: 17:13-20:03	
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 21 faixa: 26	
Data da primeira transcrição: Jun.03 Data da revisão final: Abr.04	

INF1 Logo uma [RP|luma] senhora que lá ia – uma vez que eu lá ia – e tinha o homem preso na [RP|na] Covilhã e, coitada, com a precisão de o ganhar como ela [RP|como ela {fp}] tinha, [AB|e] e levava um carrego tão grande, e deixou-o cair. E levava o rio, na altura, levava muita água e foi-se- [PH|li=lhe] tudo embora: os frangos e os ovos e tudo, foi-se-lhe tudo embora com tanta precisão de o ganhar, coitadinha!

INQ1 Coitadinha!

INF1 {fp} Aquilo era muita (água). Havia muitas que {PH|nũ=não} eram capazes [AB|de o pa-] de o passar, [AB|e eu] {fp} e eu botava o meu carrego no [RP|no] (cabo)... Às vezes, a minha mãe dizia assim: "Eu {PH|nũ=não} sei como a minha filha é capaz de assim passar tanta coisa"! [AB|Eu i-, eu ali] Eu ia ali parecia que era uma máquina por aquela tábua fora. Ia lá pousar o meu carrego e vinha buscar duma; depois ia-o lá levar, vinha buscar doutra; às vezes passava uns poucos de carregos primeiro que dali saísse para fora. [AB|E, e e-, e eu, então] Olha que se fosse no dia de hoje, já {PH|nũ=não} era capaz de lá passar!

INQ1 Hoje tinha outra para lhe passar os carregos.

INF1 Tinha...

INQ1 Havia outra que lhe passasse os carregos.

INF1 [AB|Ma-, ma-] Aquilo eram poucas, às vezes, que eram capazes de os passar.

INQ1 Mas depois já elas passavam bem?

INF1 [AB|Ainda] Ainda elas o levavam; em estando cá em terra, já o levavam.

INF2 {PH|nũ=Não} havia tanto acidente como há agora.

INQ2 E iam mesmo de Inverno assim, iam mesmo de Inverno, a chover e tudo e iam?

INQ1 Pois é.

INF1 Íamos lá! De Inverno, era uma barca assim grande. Mas {fp} ele a gente, {fp} o mais do tempo, estava... É como ali apanhava assim muito (bando)... Passava muito água debaixo [AB|daquela]

daquelas pontes! [AB|Tinham] Botavam aquelas pontes assim muito no seco, muito no seco. Eu passava [RP|passava] lá tanto carrego! Às vezes, começavam {fp} por o caminho [AB|a] arriba, já diziam: "Esta menina hoje há-de-me passar o meu carrego". Outra vez, outra: "Ai, eu, também há-de ver se me passa o meu que eu {PH|nũ=não} sou capaz".

INQ1 Pois é.

INF1 E eu tinha aquela calma, passava-{CT|llu|=lhos}. Pois, a gente tudo é {fp}... Ninguém se arrependa de fazer bem.

INQ1 Claro.

INF1 Tudo era esmola.

INF2 E mãe, {pp} iam a pé à Pampilhosa.

INF1 Íamos a pé à Pampilhosa?! Íamos a pé [AB|e{fp}]...

INF2 À (.../NPR), não é?

INF1 E [AB|e, e fui] fui umas poucas de vezes a Arganil, {pp} a pé.

INQ1 Tchii!

INF1 [AB|E a] E a Coja. Ia, com licença de vossemecês, lá comprar os porcos, para mor de os matar, quando vinham cá os 'manadeiros', {fp} quando {PH|nũ=não} vinha cá os carros. Naquela altura, {PH|nũ=não} havia cá estradas...

INQ1 Quem são os 'manadeiros'?

INF1 Era os homens que andam a vender os porcos.

INQ1 Ah! Chamavam-lhe 'manadeiros'?

INF1 Pois, eram [AB|os{fp}] os 'manadeiros'.

INQ2 Mas era, aqui não era hábito de se faz-, de a pessoa criar o porco em casa?

INF1 Não.

INQ2 Não havia?

INF1 {fp} A gente comprava. Compra-os. Compra-os...

INQ2 Já os há pequeninos? Pequeninos ainda?

INF1 Pois, compra-os pequenos. (É).

INQ2 Portanto, aqui não se tinha a porca para ter a criação?...

INF1 Compra-os e ao cabo...

INF2 Já houve mas pouco.

INF1 Já cá houve mas pouco. Aquilo {fp} ainda dão muita despesa para se criarem e tudo, e {PH|nũ=não} querem andar com aquele trabalho.

Código de identificação do ficheiro: PVC27-C	
Localidade: Porto de Vacas Distrito: Coimbra	Concelho: Pampilhosa da Serra Data: Mai.95
Informante1: Cátia Idade: 82	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante2: Carminda Idade: 42	Sexo: Feminino Escolaridade: 4ª classe
Informante3: Catarina Idade: 57	Sexo: Feminino Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1C0408 faixa: 01 min: 20:16-27:14	Inquiridor2: João Saramago
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 21 faixa: 27	Data da primeira transcrição: Jul.03 Data da revisão final: Abr.04

INQ1 Ia à Coja comprar os leitões?

INF1 Íamos à Coja. Andávamos... Cheguei uma vez a ir lá, {PH|o|=aos} quatro dias é que vim para casa.

INQ1 Porquê?

INF1 Porque [AB|{PH|nũ=não}, {PH|nũ=não} p-] {PH|nũ=não} podíamos... {PH|nũ=Não} arranjei (outro remédio).

INQ1 Estava a ver o que é que ela tinha lá ficado a fazer em Coja, que não vinha para casa?!

INF2 Porque era os porcos que [R|P|era os porcos que] {PH|nũ=não} caminhavam. {pp} [AB|Porque]

INF1 {PH|nũ=Não} caminhavam.

INQ1 Ah!

INF1 Eles {PH|nũ=não} caminhavam porque eles puseram-se das sapatitas e depois {PH|nũ=não} andavam; e às vezes ia calor, [AB|n-] {PH|nũ=não} caminhavam.

INF2 Coitados!

INF1 {PH|nũ=Não} caminhavam. Uma vez fui lá mais minha mãe – era eu mais minha mãe –, trazíamos de lá dois. E eu trazia de lá um carregão grande de louça, que lá comprámos. Um carregão muito grande! Ia lá mais duas mulheres aqui [AB|da] do Maxialinho donde está o meu filho; e [AB|la] também de lá traziam dois [AB|e a] e uma também trazia um carregão de louça também; era uma para vender, outra [AB|para] para ela. [AB|E {fp}]

INQ1 Tens que ir lá espreitar.

INF2 Ai, e nós também temos que ir (...), se não, lá para o nosso campo, ele indo, eu acho que não volta.

INF1 E depois {fp} [AB|nós] {pp} nós, nós vínhamos {fp}...

INF2 Já há muito tempo.

INF1 Ele vínhamos a andar [ABle, e, mas (...)]... Mas se ele ia tanto calor, tanto calor, [ABle os] e os bacoritos {fp} em começando a aquecer já {PHInũ=não} caminhavam nada. Depois nós {fp}

{PHI'vjemuzuz=viemo-los} a ver...

INQ1 *Há aqui uma coisa a andar que eu acho que é...*

INF2 Uma carraça, se calhar.

INQ1 *Acho que é, veja lá.*

INF1 Se calhar é bichitos que andam a avoar.

INQ1 *Não. Eu acho que é uma carracita.*

INF1 Hei! [Palmadas]

INQ1 *Mas, é como é que se?...*

INF1 [ABINão fal-] Não falta mais nada.

INF2 Esteve lá em cima assentada na erva [ABl{PHInũ=não}, {PHInũ=não}]...

INF1 Se calhar. Pois, estive assentada na erva (...).

INQ1 *Era uma carracinha, mas era muito pequenina!*

INF1 Ah!

INF2 {IP!'tevi=Esteve} em cima assentada na erva (...).

INF1 Ah, estive lá {RClassen-=assentada}, (então) e aquilo andam na erva?!

INQ1 *É.*

INF2 Esteve assentada na erva.

INQ1 *Mas é que eu estava a fazer assim, ela não saía, portanto é ca-, é uma carraça.*

INF1 Ah!

INQ1 *Mas pronto, já se foi embora.*

INF1 E {fp} depois vínhamos lá {fp}, dormíramos nas Torrozelas... {fp} Dormimos [ABIna] nas Torrozelas {fp} [AB]já já (muito para cá)...

INF2 Sabe uma coisa, que era mesmo?!

INF1 O quê?

INF2 Uma carracita.

INF1 Eh! Eu!

INF2 Mas será?

INF1 Ai, o raio! Se me vinha {CT|pa=para a} cabeça?!

INQ1 *Pois é. Não, para a cabeça não. Mas ela faz febre. Pode provocar febre.*

INQ2 *Pois é isso. ...*

INF1 Pois, pois podia. [ABIÉ que eu] Mas ele quer dizer que andam na erva?! E eu estive lá riba {PHlo=ao} pé do gado ... [ABIEla] Quando ela andava a regar, {IP!'tivi=estive} lá sentada na erva, e havia lá erva muito forte!

INQ1 *Pois.*

INF2 (...) Conte o que estava a contar, agora!

INF1 [ABIE] E depois...

INQ2 *Conte lá que a Carminda está com sono.*

INF1 E depois [AB|chega-] chegámos a...

INQ1 *Pois é, temos que ir embora.*

INF1 Viemos lá dormir a uma loja, que era só... {fp} O estrume era [RP|era] nabos malhados – aquando se {PH|maʎẽw̃nuʒ=malham os} nabos! E era só daquela palha dos nabos. E ele a dormirem lá (os doentes)...

INQ1 *Mas os nabos... Malham-se os nabos para quê?*

INF1 {fp} Para tirarem a semente. Quando eles estão espigados, assim já a cair, assim.

INQ1 *Ah, está bem. Já percebi.*

INF1 [AB|IE] E depois era {fp}... Dormimos lá e aquando foi à madrugada... E a senhora lá [AB|da], a dona, deu-nos para lá uma candeinha do azeite – que havia umas candeias, em primeiro, assim {CT|pɔ=para o} azeite, [AB|quando não havia] aquando não havia luz, assim que {PH|nũ=não} havia destas luzes que agora há. {fp} Deu-nos [AB|para] para mor de a gente lá comer alguma coisinha. Depois de manhã, {fp} eu vim mais a [RP|a]... Vieram-nos a alumiar... Viemos de noite a ver se os bacoritos caminhavam assim mais pela fresca, viemos {PH|ĩ'te=até} ao pé (do) /de\ Fajão [AB|a{fp}], com] com o candeio. E deixámos lá os carregos na loja, e viemos lá, alumiadas, eu mais a senhora [AB|que t-] que também lá trazia um carrego. E depois é que [RP|que, que] vieram lá, assim que se pôs de dia. A minha mãe mais a outra mulher vieram andando com eles [AB|e] e nós voltámos para ir buscar os carregos. Chegámos cá acima, {PH|ɔ=ao} cimo do Fajão começou [AB|a] a dar o sol, eles apenas [AB|deu] começou a dar o sol, começou-se tudo a ir ele {CT|paʒ=para as} sombras das mouteiras, por aquele mato, {PH|nũ=não} queriam caminhar nem por quanto fosse. Lá tivemos que {IP|tar=estar} nas mouteiras muito tempo à sombra, porque eles {PH|nũ=não} caminhavam nada, e a gente {PH|nũ=não} se podia vir sem eles.

INQ1 *E quantos eram? Eram muitos? Pequenitos?*

INF1 Eram quatro.

INF2 A quem é que deu a preguiça?...

INQ1 E não se podia? Não dava para agarrar ao colo?

INF1 {PH|ɔ=Ao} colo?! Mas nós trazíamos cada uma... Duas traziam um carrego.

INQ1 *Pois é. Pois é.*

INF1 Eu tinha de ir (empurrando)...

INF2 A quem é que deu a preguiça? Foi {PH|ɔʒ=aos} porcos ou foi às donas?

INQ1 *Não. Foi aos porquitos.*

INF1 Foi {PH|ɔʒ=aos} porcos! {PH|nũ=Não} caminhavam nada! E depois dizem assim: "Vamos lá então depois ali a descer para o rio do (.../NPR)". {PH|ti'verẽmuʒ=Estivéramos} lá um pedaço – (ele) muito tempo – [AB|{PH|ĩ'te=até}] {PH|ĩ'te=até} assim à tardinha; chegámos depois, viéramos lá por um atalho, por mor de vir mais depressa [AB|para ele] a descer; e era ali a descer para baixo, lá para [AB|uma] umas fazendas, ali um atalho que ali havia, assim, pronto, que se cortava mais depressa; [AB|e{fp}] e depois encontrámos lá um almocreve, que vinha cá para comprar azeite.

INQ1 Um quê?

INF3 O que é isso?

INF1 Um almocreve.

INF2 Um almocreve.

INQ1 Ah!

INF2 O almocreve era o homem que vinha comprar o azeite.

INQ2 Do azeite.

INF1 Que vinha comprar o azeite.

INF2 Vinha de macho?

INF1 Vinha cá com os [RP|com os] machos comprar o azeite. Vinham-nos cá comprar (inteiro)...

INQ1 Vinha comprar o azeite para depois ir vender para outros sítios?

INF1 Ia-o depois vender lá para outro sítio, porque então não havia carros para mor de transportar as coisas, eram os odres.

INF2 Os almocreves, com os odres.

INQ1 Mas os almocreves vinham com quê? Com machos?

INF1 Vinha com machos.

INQ1 Não vinha com carros?

INF1 Era com machos. Os carros {PHInũ=não} vinham cá na altura!

INF2 (Eram homens, os donos), {pp} com os odres.

INF3 (...)

INF1 Ele assim uns odres é [AB|que] que eles levavam [AB|a c-] a transportar o azeite lá [AB|para onde] para onde o queriam vender. E encontrámos um, e era nosso conhecido, que já nos tinha vindo cá comprar a casa dos meus pais já muita vez, e {fp} a minha mãe mandou- {PH|li=lhe} recado para dizer {PH|o3=aos} meus irmãos para lá ir ter (ele) um com o canastrão para trazer [AB|os p-] os porcos. Eles já {PH|Inũ=não} caminhavam nada.

INQ1 Já vinham cansadinhos!

INF1 Eles já vinham cansadinhos [AB|com os sa-] com as sapatitas a botar sangue.

INQ1 Coitados!

INF1 E depois voltou lá e chegou quando foi lá a descer assim uma barreira por aí abaixo e era muito ruim. Eu vinha também tão carregada, vinha com um raio de um medo [AB|de ca-] que me [AB|ca-] caísse também, que pusesse o (molho) como a louça... [AB|U-, uma] Uma senhora que lá vinha comigo, ali do Maxialinho, escorregou [AB|le] e deixou cair a cesta da louça. Já tanto trabalho que tinha- {PH|li=lhe} dado e o dinheiro que ela tinha dado {pp} e escavacou tudo. Escavacou-se logo ali tudo! Depois estroncou uma perna. Depois teve de lá ir [AB|lum] um cunhado dela [AB|a {fp} m-] buscá-la às costas... Vê como ele lhe custou também? [Risos] O que ele lhe custou a ir àquele sítio! {PH|Inũ=Não} havia carros {CT|pof=para os} trazer!

INQ1 Claro.

INF1 O que {PH|li=lhe} ele custou! (...)

INQ1 O que os cunhados antigamente sofriram!

INF1 [Risos] Foi o tio Bertoldo, vós conheci-lo também. Lá foi buscar a mulherzinha, esteve então muito tempo [AB|de ca-] na cama, muito tempo sem ir, [AB|sem se] sem caminhar.

Código de identificação do ficheiro: PVC28-C	
Localidade: Porto de Vacas Distrito: Coimbra	Concelho: Pampilhosa da Serra Data: Mai.95
Informante1: Cátia Idade: 82	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante2: Carminda Idade: 42	Sexo: Feminino Escolaridade: 4ª classe
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1C0408 faixa: 01 min: 29:01-30:42	Inquiridor2: João Saramago
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 21 faixa: 28	Data da primeira transcrição: Jul.03 Data da revisão final: Abr.04

INF1 Havia muitas viagens ele naquele tempo.

INQ1 Pois é muito viajada.

INF2 Mas {PHInũ=não} sai de cá! [Risos]

INF1 {PHInũ=Não} era de carro, era tudo a pé!

INQ1 Pois.

INF1 Olha que eu... Olha que a gente 'desmatelizava-se'! [ABIEu] E olhe que, e ainda pior de tudo, {PHI'te=até} sacas de adubo, aquando deu em vir e {PHInũ=não} vinham cá [ABlo] os carros, aquando deu a gente em (botar) /botar-lhe\ adubo à fazenda, e eu depois...

INQ1 Mas já nessa altura, já se comprava adubo para botar na fazenda?

INF1 [ABINaquele] {fp} Já o comprava para mor de botar mas tinha de o ir buscar longe: ia-o buscar à Barroca do Zêzere – vossemecês, se calhar, {PHInũ=não} sabem?!

INF2 Eles vão lá passar amanhã. {pp} Ou no sábado!

INF1 Amanhã se calhar passam lá, na Barroca do Zêzere. [ABIIa-o lá buscar à{fp}] Ia-o lá buscar à Barroca [ABle outras] e outras vezes ia-o buscar {PHI=ao} Bugalho.

INF2 Ia-o buscar lá.

INF1 Também tão longe! Sacas de adubo à {RCIcab=-cabeça}!

INQ1 Mas era adubo químico? Era adubo químico?

INF1 [ABIAdu-] Adubo [ABI{CTIpa=para a}, {CTIpa=para a}] para botar às terras. [ABIEram assim]

INQ1 Mas era químico ou era?...

INF1 Eram assim umas de cinquenta quilos.

INF2 Então e não é químico?!

INQ1 Ai, não sabia que havia antigamente disso! Pensava que isto era uma coisa nova!

INF1 [ABIEra, eram assim co-] Eram umas sacas que levavam cinquenta quilos, e ainda levam hoje, ainda são, ainda (há muito)...

INQ2 E trazia cinquenta quilos às costas?

INF1 E trazia cinquenta quilos eu à cabeça! E um irmão meu que [ABllá em cima] mora no cimo do povo, [ABladonde esteve]

INQ2 Sim senhora.

INF1 que era [RPlera] o marido daquela mulher

INQ1 Sim.

INF1 [ABlque, que vomecês lá] {fp} que tecia, {fp} [ABle e-] esse trazia cem quilos:

INQ1 Ai que horror!

INF1 trazia duas sacas de cima uma da outra. Assim está ele aleijado das pernas também! [Risos]

INQ1 Pois, pois. É um abuso. Pois é. Então, mas o que é que pensa, é mesmo assim!

INF1 É! Levávamos muito peso, muito peso, dava-se cabo dos ossos, não?!

INQ1 Andaram com muitos pesos depois ficaram... Pois. Claro!

Código de identificação do ficheiro: PVC29-C	
Localidade: Porto de Vacas Distrito: Coimbra	Concelho: Pampilhosa da Serra Data: Mai.95
Informante1: Cátia Idade: 82	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante2: Carminda Idade: 42	Sexo: Feminino Escolaridade: 4ª classe
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1C0408 faixa: 02 min: 00:00-03:47	Inquiridor2: João Saramago
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ana Maria Martins CD nº: 21 faixa: 29	Data da primeira transcrição: Jul.03 Data da revisão final: Abr.04

INF1 A gente quando via algum doente ou que tivesse algum [RPlalgum] 'aleijo' assim, prometia a gente à Nossa Senhora das {PHI|prese|=Preces}, [ABlque] que {PHIli=lhe} acudisse...

INQ1 De Arganil?

INQ2 Rhum!

INF1 E logo eu uma vez, levei...

INF2 Aquilo {PHInũ=não} é bem {RClArg=-Arganil}; {PHInũ=não} é Arganil, é mais perto do que Arganil, minha mãe.

INF1 É em Arganil!

INF2 Passa-se aqui... A terra {PHInũ=não} é bem em Arganil; passa-se as Meãs {pp} e ali a {fp} Covanca.

INF1 As Meãs e a Covanca. E ainda da Covanca para lá ainda é muito longe.

INF2 O sítio do Piódão. É nesses sítios do Piódão!

INF1 Pois, ainda passa-se o Piódão, e ainda (é mais)...

INF3 O Piódão?!

INQ2 E, e que altura é que era do ano?

INF2 {fp} Agora já {PHInũ=não} é... Agora é no mês de Julho; {PHInũ=não} sei que dia é que é do mês de Julho; mudaram-na. Que, em primeiro, {pp} era: [ABla{fp}, a] a gente {fp}, por exemplo, a Páscoa {PHInũ=não} era sempre o mesmo dia, ({PHInũ=não}) calhava sempre no mesmo dia...

INQ1 Pois não.

INF1 A Páscoa é {fp}: [ABlsã-] são sete semanas de [RPlde] quaresma, e depois aquando do domingo de Páscoa {fp} {PHl=ao} domingo do Espírito Santo – era domingo do Espírito Santo – {fp} são outras sete semanas. É tanto da Páscoa {PHl=ao} Espírito Santo, como era [ABlde, de] do dia de Entrudo [ABlà, à] ao domingo de Páscoa.

INQ2 À Páscoa.

INQ1 Rhum-rhum!

INF1 Eram sete semanas. [ABlEra] Era... O dia do Espírito Santo eram sete semanas {PHlɔ=ao} fim [ABlde] da Páscoa...

INQ1 E era nessa altura que era a festa da Senhora?...

INF1 Era. Era nessa altura é que era a festa lá da Senhora das {PHl'presɐj=Preces}. Que só ali ia uma santinha... {fp} Que [ABlque era d-] eram sete irmãs [ABl e são todas] e foram todas santas. E ele há ali perto... (Ele) é a da Senhora das {PHl'presɐj=Preces} e a outra que está assim na ponta de uma lomba, (cá) /que é alta, que chamam a Senhora do {PHl'kurku'riju=Colcorinho} que {IPlta=está} assim numa capelinha muito alta!

INQ1 De Colcorinho, sim senhor.

INF1 Senhora do {PHl'kurku'riju=Colcorinho}; e é a outra assim que também se vê a capelinha, mas fica muito longe, assim lá para diante; vê-se a capelinha mas fica lá muito para diante: chamam a Senhora do Desterro; e é [ABl a{fp}] a Nossa Senhora do Mont'Alto que também é irmã;

INF2 É irmã.

INF1 e{fp} dizem que é a Santa Luzia, que é uma santinha que é aqui no Castelejo, dizem que também é irmã; e é as outras... Que se avistam as sete capelinhas, que se avistam todas umas às outras, onde estão aquelas {fp} sete irmãs! Eu, as outras é que {PHlnũ=não} estou certa agora quais são elas; as outras... [ABlJá são] Já são cinco...

INQ1 Pois. Cinco. Pois, pois.

INF1 São cinco; as outras duas {PHlnũ=não} estou certa quais elas são; mas elas que se avistam todas umas às outras! E a gente ia lá muito (...).

INQ1 Mas a das Preces era a que gostava mais? Era a melhor, era a das Preces!

INF1 Ia a gente... Era! A do Mont'Alto também.

INQ1 Rhum!

INF1 A Senhora do Mont'Alto, que é a de Arganil. Aí [ABltambém, também é{fp}] também é muito... É{fp} [ABluma] uma santa que também {fp}...

INQ1 Que as pessoas tinham fé?

INF1 Também há aí uma festa, por os jeitos, muito bonita.

INQ1 Rhum!

INF1 {fp} [ABlMas a] E a da Santa Luzia também. Ali a da Santa Luzia, no Castelejo, também é muito linda! Ele ali é que é o dia quinze de Agosto.

INF2 De Setembro, mãe!

INF1 De Setembro!

INQ1 De Setembro!

INF1 O dia é então o dia{fp} quinze de Setembro.

INQ1 Rhum-rhum!

INF1 Ele é [RP|é]... [ABlSempre calha] É o dia que calhava. [ABlVia que]

INF2 É o concelho do Fundão.

INF1 É do concelho do Fundão [ABle o, e o] e no Fundão, [ABlaquele] ou o concelho do Fundão, aquele dia, {fp} mesmo que seja o mercado – (ele) todas as segundas-feiras há o mercado no Fundão –, [ABlmas se for ca-] se calhar a festa à segunda-feira, é mudado o mercado {pp} que é feriado. Ele para lá [ABI{CTlpó=para o}] {CTlpó=para o} concelho do Fundão é feriado {pp} sempre {fp} [ABltodo o dia] (todos os anos).

INF2 Quando é que a santa vai para lá para cima).

INF1 Porque [ABlé{fp}, é{fp}, é] é o dia que ela calha é o dia quinze... Por exemplo, calha {fp} um ano {PHló=ao} domingo, só daí [ABla sete{fp} a sete{fp}] (então é que calha), é que]

INQ1 Anos é que calha... Sete anos é que calha outra vez.

INF1 a sete anos [ABlé que torna] é que torna a calhar.